

SÍNODO DA AMAZÔNIA

3 A Igreja na multiplicidade amazônica

Entrevista com
Márcia Maria de Oliveira
Osnilda Lima

15 O Sínodo da Amazônia: grito à consciência, memória da missão, opção pela vida

Roque Paloschi

23 Uma Igreja com rosto amazônico

Reuberson Ferreira

35 A santidade no mundo de hoje: das distorções ao autêntico chamado de Deus

Lino Batista de Oliveira

43 Roteiros Homiléticos

Rita Gomes



Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

Que o planeta Terra vive uma das grandes crises de sua história todos nós sabemos. É fato. Basta um pouco de atenção aos sinais dos tempos e ouvidos abertos aos gritos da criação toda, que “geme e sofre dores de parto até agora” (Rm 8,22). No entanto, para além de uma postura apocalíptica, no sentido de destruição, a comunidade cristã tem sempre à vista de seus olhos horizontes de esperança.

A metáfora do apóstolo Paulo acerca das “dores de parto” indica a possibilidade de um recomeço. A imagem do parto expressa renovação. Todo parto é dolorido, mas depois que a nova vida é dada à luz, toda a dor é superada pela alegria.

Essa imagem tem relação com a esperança cristã. Quem segue Jesus está aberto a superar todo e qualquer fatalismo ou desencanto diante da vida e dos acontecimentos. De acordo com o teólogo Jürgen Moltmann, a esperança visa à obtenção de perspectivas de futuro para um mundo mais justo, mais pacífico e mais humano. Portanto, não se trata de um sentimento ou comportamento indiferentes ao mundo da vida. Ao contrário, a esperança gera atitudes de justiça, de humanização e de promoção da paz.

A esperança é como que um alerta, uma centelha em nós, que não nos permite comodismo diante das situações da vida. É nessa perspectiva que se pode situar o grande gesto do papa Francisco de convocar a Igreja e todas as pessoas de boa vontade para a realização do Sínodo da Amazônia, com o tema “Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. O evento ocorrerá em outubro de 2019.

Trata-se de um olhar permeado da esperança de que é possível mobilizar o mundo em defesa da Amazônia. Trata-se ainda de

ouvidos atentos ao grito dos povos amazônicos contra os homens do mercado, que devastam o santuário da vida e toda variedade de criaturas que ali habitam. O verdadeiro seguidor de Jesus não compactua com as artimanhas diabólicas do deus mercado que, em nome do dinheiro, exploram, agriem e matam a natureza.

Para que novos caminhos sejam percorridos, como propõem o tema do Sínodo e seu Documento Preparatório, é imprescindível ouvir os povos que habitam a Amazônia: habitantes de comunidades e zonas rurais, de cidades e grandes metrópoles, ribeirinhos, migrantes e deslocados e, especialmente, os povos indígenas.

A ecologia integral de que fala o tema do Sínodo diz respeito a um entrelaçamento da vida em sua totalidade, desde a vida humana aos animais, às plantas, aos pássaros, aos rios, enfim, às mais variadas formas de vida. Todos nós fazemos parte de uma mesma casa. É desta casa que devemos cuidar, empenhando-nos para que todos tenham vida em plenitude (cf. Jo 10,10).

O Sínodo da Amazônia é um apelo a caminharmos juntos pela causa da vida. É, sem dúvida, um grande desafio, uma vez que as forças contrárias são poderosas e há tempo agem ambicionando o lucro desregrado, derubando árvores, envenenando os rios, matando as pessoas e os bichos. Mas ainda há esperança. Nisso consiste a exortação do papa: “O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar” (LS 13).

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Editor

Editora	PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Jornalista Responsável	Valdir José de Castro, ssp
Editor	Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Conselho editorial	Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp Claudio Avelino dos Santos, ssp Darcy Luiz Marin, ssp Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Ilustrações	Patrícia Campinas (artigos) e Luis Henrique Alves Pinto (Roteiros Homiléticos)
Editores	Elisa Zuigeber
Revisão	Alexandre Santana e Tarsila Doná

Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • WhatsApp: 99974-1840
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica. Área: Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

WhatsApp: 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:

Revista *Vida Pastoral* – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



A Igreja na multiplicidade amazônica

Entrevista com
Márcia Maria de Oliveira*

Por Osnilda Lima**

A socióloga Márcia Maria de Oliveira convida o leitor a um despertar sobre a importância da Amazônia para toda a criação, sobre a relevância do Sínodo para a Amazônia e sobre as contribuições desse evento para a Igreja e mundo todo.

*Márcia Maria de Oliveira é mineira de nascimento. Há 30 anos escolheu a Amazônia como *nhaderêko-há*, um modo de ser na grande casa comum. Pesquisadora da sociedade e cultura amazônica, caminha de mãos dadas com a pesquisa e a militância junto aos povos amazônicos. É cientista social, licenciada em Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam); mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia (PPGSCA/Ufam); mestre em Gênero, Identidade e Cidadania pela Universidade de Huelva – Espanha; doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/Ufam), com pós-doutorado em Sociedade e Fronteiras na Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima (PPGSOF/UFRR); pesquisadora do Grupo de Estudos Migratórios da Amazônia (Gema/Ufam), do Observatório das Migrações em Rondônia da Universidade Federal de Rondônia (OBMIRO/Unir) e do Grupo de Estudos Migratórios e Fronteiras de Roraima (Geifron/UFRR); professora da UFRR, lotada no Centro de Ciências Humanas (CCH); assessora da Caritas Brasileira, com atuação no Regional Norte e Noroeste; assessora da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam-Brasil), com atuação no Sínodo para a Amazônia. Áreas de atuação: sociologia, estudos migratórios, tráfico de mulheres na Amazônia.

**Osnilda Lima é jornalista, formada em Comunicação Social; assessora nacional de comunicação da Caritas Brasileira, organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); membro da diretoria da Signis Brasil; religiosa da Congregação das Irmãs Paulinas.

O que é a Amazônia?

Márcia Oliveira – A Amazônia é o maior bioma da América Latina. Geograficamente, abrange toda a área de floresta tropical, ou aquilo que ainda existe dela, em território brasileiro, colombiano, peruano, venezuelano, equatoriano, boliviano, surinamês, guianense – Guianas Francesa e Inglesa. Um bioma tem de ser visto em sua totalidade e integralidade. Por suas proporções geográficas, representa um grande desafio à comunicação, socialização e integração entre os diversos povos dessa imensa região planetária, caracterizada pela exuberante sociobiodiversidade.



E a Amazônia em seu silêncio, além-fronteiras?

Márcia Oliveira – A Amazônia é quase mítica: um verde e vasto mundo de águas e florestas, onde as copas de árvores imensas escondem o úmido nascimento, reprodução e morte de mais de um terço das espécies que vivem sobre a Terra. Estima-se que lá crescem em torno de 2.500 espécies de árvores – ou um terço de toda a madeira tropical do mundo – e 30 mil espécies de plantas – das 100 mil da América do Sul. É o que se chama de região megadiversa.

As espécies animais são contabilizadas em 4.221, mas se sabe que grande parte delas ainda não foi descrita. A bacia amazônica é a maior bacia hidrográfica do mundo: cobre cerca de 6 milhões de quilômetros quadrados e possui 1.100 afluentes. Seu principal rio, o Amazonas, atravessa a região para desaguar no oceano Atlântico, lançando ao mar cerca de 175 milhões de litros d'água a cada segundo. Existe ainda um Amazonas debaixo do chão, o aquífero Alter do Chão – no noroeste do estado do Pará –, tão imenso quanto o rio de superfície. A evapotranspiração da floresta produz o chamado *rio aéreo*, que leva água em forma de vapor pela região Centro-Oeste, Sul e Sudeste do Brasil, transcendendo as fronteiras e indo até a Argentina.¹

Além do ciclo das águas, o bioma tem fundamental importância para o ciclo do carbono. O ciclo do carbono começa pela absorção do gás carbônico do ar principalmente pelas plantas, quando realizam a fotossíntese. Depois, quando os animais her-

bívoros – que comem vegetação – ingerem esses alimentos, acabam liberando novamente no ar o carbono que tinha sido absorvido pelas plantas. Outras parcelas do carbono são utilizadas na decomposição dos seres vivos quando morrem. As queimadas e a utilização de combustíveis fósseis também liberam novamente o gás carbônico na atmosfera. Ambas causam desequilíbrio no ambiente e contribuem para o aquecimento global.

As estimativas situam a região como a maior reserva de madeira tropical do mundo. Seus recursos naturais, além da madeira, incluem enormes estoques de borraça, castanha, peixe e minérios, representando abundante fonte de riqueza natural.

“Os danos causados pela ação humana são muitas vezes irreversíveis”

Há generosa sociobiodiversidade, mas qualquer interferência pode fragilizar, não?

Márcia Oliveira – Toda essa grandeza não esconde a fragilidade do ecossistema local. A floresta vive de seu próprio material orgânico, e seu delicado equilíbrio é extremamente sensível a quaisquer interferências. Os danos causados pela ação humana são muitas vezes irreversíveis.²

Tão diversa em biodiversidade, relativamente à sua fauna e flora, também é diversa em sociodiversidade – uma de suas principais riquezas. A região abriga complexa diversidade cultural, incluindo o conhecimento tradicional sobre os usos e a forma de explorar esses recursos naturais sem esgotá-los nem destruir o hábitat natural, numa relação de interdependência e convivência recíprocas. Os diversos povos que

¹ MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Amazônia*. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biomaz/amaz%C3%B4nia>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

² OECO. O que é o bioma Amazônia. *Portal de meio ambiente da UFRN*, Natal, 5 set. 2016. Disponível em: <<http://www.meioambiente.ufrn.br/?p=36432>>. Acesso em: 10 mar. 2018.



ocupam os campos e as cidades da Amazônia sofrem drasticamente com os contrastes sociais e econômicos ali presentes. Enquanto alguns grupos políticos e econômicos centralizam as riquezas produzidas na região e estendem a propriedade privada sobre boa parte de seu território, a grande maioria dos povos vive em situação de miséria nas periferias das cidades.

A Amazônia já sofreu um desmatamento de 700 mil quilômetros quadrados. Houve uma redução nesse processo, mas não seu estancamento. Existe um limite para esse desmatamento e, se ele fosse ultrapassado, a consequência seria a desintegração simultânea de toda a floresta, o que representaria a maior tragédia ambiental do mundo e um prejuízo incalculável para o ciclo de carbono do planeta.

As políticas governamentais de incentivo às hidrelétricas, à mineração e ao agronegócio tendem a anular as iniciativas em prol da preservação da Amazônia, priorizando a exploração e o saque das suas riquezas em detrimento de seus povos que vivem no meio urbano, com todos os problemas daí derivados: miséria, ausência de saneamento básico, aglomeração nas periferias, insalubridade, desemprego e outras mazelas de uma concentração urbana desregulada.

Quais os riscos de uma agenda integracionista para a Amazônia?

Márcia Oliveira – O processo do chamado desenvolvimento da Amazônia é exemplo mais que claro do modo de reprodução do sistema colonialista que presidiu a formação dos países da Pan-Amazônia a partir da sua colonização no século XVI. O atual desenvolvimento econômico ainda se pauta pela agenda do integracionismo, que ignora a presença histórica das populações locais, formadas por povos indígenas, posseiros, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas e toda uma infinidade de comunidades tradicio-

nais, consideradas como entrave e empecilho ao desenvolvimento e ao progresso capitalista na região. Em todos os países, as populações locais sofrem as mais diversas formas de pressão para abrir caminho para o “desenvolvimento e o progresso”, vindos de fora para “redimir” a Amazônia do “atraso”, instaurando novo processo colonial que dá continuidade ao colonialismo europeu.

E a multiplicidade dos povos amazônicos?

Márcia Oliveira – A Amazônia é uma multiplicidade de realidades muito distintas. Dadas as proporções geográficas, é uma região gigantesca ocupada por povos e culturas diferentes que apresentam modos de vida distintos. Os povos das águas são múltiplos. Têm em comum a relação de interdependência com os recursos das águas. Habitam as margens ou os cursos dos lagos e rios da Amazônia. Ou seja, moram em palafitas ou casas flutuantes e deixam-se governar pelo ritmo das águas. Convivem com a natureza de modo cooperativo e interativo. Todos os dias, retiram das águas o “peixe nosso de cada dia”, sem excessos ou desperdícios, somente o necessário para alimentar suas famílias com o pescado oferecido generosamente pelas águas, que ainda o produzem em abundância.

O camponês e sua família se apropriam e se utilizam dos recursos naturais da várzea, tendo como pano de fundo o contínuo e cíclico movimento dos rios – enchente, cheia, vazante e seca –, numa relação de respeito, por saber que “a vida comanda o rio” e “o rio comanda a vida”. Entretanto, os ribeirinhos, pescadores da Amazônia, também conhecidos como camponeses das várzeas, sofrem com a presença dos pescadores comerciais, predadores de recursos que já se tornaram escassos em determinadas regiões.

Os povos da floresta, camponeses da terra firme, nas suas mais diversificadas



categorias – seringueiros, indígenas e quilombolas –, extrativistas e coletores por excelência, sobrevivem do que a terra e a floresta lhes dão generosamente. São agricultores familiares, cultivam pequenas porções de terra com técnicas tradicionais ancestrais, classificadas como agroecologia familiar por corresponderem a um modo de vida de inter-relação e interdependência com a terra e a natureza. Esses povos cuidam da terra, e a terra cuida deles na mesma proporção. São os guardiões da floresta e de seus recursos. Dela retiram a castanha para sustento da família e para dinamizar a economia com a venda do excedente; coletam o açaí e, alimentada a família, vendem o pouco que sobra para comprar o caderno e o uniforme escolar dos “curumins” (crianças), completar algum item da alimentação e atender a outras necessidades básicas. Todos os alimentos coletados nos rios e nas florestas são saudáveis e livres de veneno.

Sendo a Amazônia tão abundante, quais dinâmicas provocam a pobreza de seu povo?

Márcia Oliveira – A pobreza produzida ao longo da história por uma relação de subordinação, de violência política e institucional, de exploração, em sua maioria de origem externa, representa uma ferida profunda nos corpos dos diversos povos de toda a Amazônia. Num modelo de desenvolvimento que não respeita os direitos e a dignidade dos povos amazônidas, a acumulação da riqueza implica o aumento da pobreza.

Mas a maior riqueza da Amazônia é a sua sociodiversidade cultural, ameaçada pelos grandes projetos econômicos assen-

tados em todo o território amazônico, que promovem a derrubada constante das florestas e a contaminação dos rios, lagos e igarapés, comprometendo a sobrevivência dos povos que dependem do extrativismo animal e vegetal.

Quais são as maiores chagas que avançam Amazônia adentro?

Márcia Oliveira – Embora ela seja uma das maiores reservas de água potável do mundo, um dos principais problemas da Amazônia é o abastecimento de água. Os garimpos clandestinos, as hidroelétricas, as petroleiras e as mineradoras transnacionais estão por toda parte, promovendo a contaminação das águas e do solo em proporções irreparáveis.³ Da mesma forma, o desmatamento também compromete os mananciais de água potável

em toda a Pan-Amazônia. Justificado, na grande maioria dos casos, pelo avanço da fronteira agropecuária com grande predominância da criação de gado de corte, o desmatamento abrange boa parte dos estados da Pan-Amazônia, que são os principais responsáveis pela expansão pecuária no Brasil e na Bolívia.

É inegável a contribuição econômica da produção de gado leiteiro e de corte. Entretanto, o que se questiona são a expansão dessa atividade econômica, que avança dia a dia sobre a floresta, e os im-

“Na trilha das migrações, cresce na Amazônia ‘uma das mais perversas formas de violação aos direitos humanos’, o tráfico de pessoas”

³ Como o que vem ocorrendo no rio Orinoco, na Amazônia venezuelana, com a intensa mineração irregular mobilizando toda uma economia garimpeira que vem devastando territórios indígenas inteiros, entre os quais o do povo warao. O território warao vem sendo invadido por garimpos clandestinos desde 2016, o que tem provocado a contaminação dos afluentes do rio Orinoco, matando os peixes e forçando o povo à migração compulsória para fugir da fome e da miséria instaladas por toda parte.



pactos socioambientais desse modo de produção. O problema consiste no modelo de produção agropecuária adotado na Amazônia de modo extensivo, que vem provocando desmatamento desnecessário e tornando o setor agropecuário o principal contribuinte para as emissões de gases de efeito estufa (GEE). O desmatamento ilegal avança sobre as Unidades de Conservação e sobre as terras indígenas, deixando um rastro de destruição, de conflitos socioambientais, de trabalho escravo e de todo tipo de violência agrária.⁴

Com as migrações, há também a mazela do tráfico de pessoas?

Márcia Oliveira – Na trilha das migrações, cresce na Amazônia “uma das mais perversas formas de violação aos direitos humanos”, o tráfico de pessoas,⁵ que também tem crescido assustadoramente em todo o mundo e se convertido numa das economias ilícitas com maiores lucratividades. Da mesma forma, o contrabando de migrantes tem atingido enormes proporções num contexto de intensa mobilidade humana, que atinge praticamente todos os países do mundo.

O que se pode aprender do modo de vida amazônico?

Márcia Oliveira – Nessa perspectiva, os povos da Amazônia, nos seus novos processos de organização social, têm muito para ensinar com seu modo de vida simples, seu desapego às coisas materiais, sua solidariedade e, acima de tudo, seu cuidado e respeito

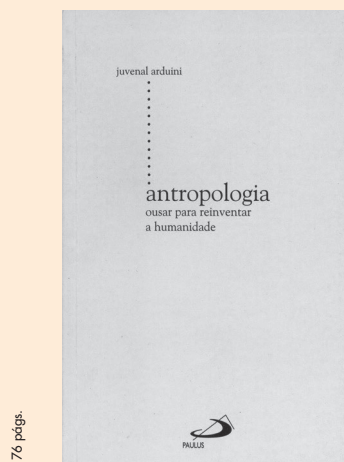
⁴ Dados levantados e analisados por especialistas do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia – Imazon. Disponíveis em: <<http://imazon.org.br/slide/agropecuaria/>>. Acesso em: 13 out. 2018.

⁵ TORRES, Iraíldes Caldas; OLIVEIRA, Márcia Maria de. *Tráfico de mulheres na Amazônia*. Florianópolis: Mulheres, 2012. As autoras afirmam que, de maneira especial, as mulheres representam grande proporção nas redes do tráfico humano na Amazônia.

Antropologia

Ousar para reinventar a humanidade

Juvenal Arduini



176 págs.

Por meio de uma constelação de temas como paradoxo, o homem e o tempo, a antropossemia, a audácia, a solidariedade, o amor, a ética, a globalização, a sociopatologia, a criticidade, a rebelião antropológica e a questão linguística, o autor quer despertar os leitores para a insubmissão autêntica e ajudá-los a assumir um compromisso radical com a justiça e com a solidariedade, reivindicando a voz daqueles que são obrigados a sofrer calados.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



para com a floresta e para como todos os seres que nela habitam, os quais tornam o homem e a mulher mais dignos de Deus e da sua criação.

E o movimento migratório e imigratório na região?

Márcia Oliveira – A partir de 2010, a Amazônia passou a figurar entre as regiões com maior mobilidade interna e internacional na América Latina. As novas rotas migratórias, que circulam no sul da América Latina e passam pela Amazônia, representam novos deslocamentos, oriundos especialmente do Caribe e dos países transfronteiriços. A esse respeito, constata-se que as fronteiras da Amazônia são vistas pelos migrantes como a entrada para o Brasil pelas portas dos fundos. O estado de Roraima, de maneira especial, figura nesses itinerários migratórios como lugar de entrada de grandes contingentes migratórios oriundos da Venezuela e como lugar de passagem para países vizinhos, notadamente Guiana Francesa, Argentina e Chile.⁶

Essa nova conjuntura migratória na Amazônia favorece a atualização dos estudos migratórios e da sociologia dos deslocamentos humanos e destaca o papel que a região passa a ocupar na conjuntura internacional, num processo de adaptação à

nova Lei de Migrações, Lei 13.445/2017, que orienta a elaboração de políticas públicas migratórias e determina que a ausência delas representa grave violação aos direitos humanos por parte dos Estados nacionais e dos governos locais. A falta de políticas migratórias abre precedentes para a atuação de grupos especializados na exploração de migrantes em situação vulnerável, que são submetidos a condições subumanas de trabalho, muitas vezes análogo ao escravo. Nesse contexto, as rotas do tráfico humano têm aumentado de forma exponencial na Amazônia, atingindo crianças migrantes e principalmente mulheres para fins de exploração sexual comercial, nas suas mais variadas modalidades.⁷

“É inegável a contribuição dos migrantes para o desenvolvimento da Amazônia, uma vez que os deslocamentos de populações fazem circular novas bases de produção”

Em uma parcela da sociedade, há resistências à acolhida aos imigrantes?

Márcia Oliveira – Sim. A presença mais expressiva dos migrantes nas ruas das cidades de Roraima tem revelado atitudes discriminatórias relacionadas ao racismo, discriminação de classe, sexismos e xenofobia. Observa-se um cotidiano de relações tensas e conflituosas direta ou indiretamente influenciadas por discursos e iniciativas de representantes do poder local – político e econômico –, que, em oposição ao que estabelecem os acordos e tratados internacionais assinados pelo Estado brasilei-

⁶ Sob o título “RR é passagem para imigrantes que querem chegar à Argentina”, uma matéria jornalística afirma: “A maioria prefere países economicamente estáveis e onde não tenha dificuldade com a língua” (*Folha Web*, Roraima, 2 jul. 2018). Disponível em: <<https://www.folhabet.com.br/noticia/RR-e-passagem-para-imigrantes-que-querem-chegar-a-Argentina-/41520>>. Acesso em: 9 set. 2018.

⁷ Sobre isso, cf. BASTOS, Isabela. Tráfico de pessoas: relatos de um crime silencioso na Amazônia. *Em Tempo Online*, Manaus, 27 nov. 2017. Disponível em: <<http://d.emtempo.com.br/amazonas-cidades/87498/trafico-de-pessoas-conheca-relatos-de-um-crime-silencioso-na-amazonia>>. Acesso em: 10 set. 2018.



ro, apregoam o fechamento da fronteira e a retirada dos venezuelanos das regiões centrais da capital e praticam atitudes de completa intolerância e xenofobia.⁸

Na dinâmica migratória, a fronteira tem outro sentido?

Márcia Oliveira – É inegável que os migrantes são portadores de mudanças importantes no modo de vida tanto das sociedades de origem quanto daquelas de destino migratório. Eles contribuem para ampliar a visão do espaço amazônico para além das fronteiras brasileiras e relacioná-lo com a ideia de simultaneidade de tempos e espaços. As fronteiras dão lugar às transformações simultâneas do espaço regional, no qual as distâncias culturais se estreitam ou se escancaram e as diferenças passam por um processo de reelaboração ou de exasperação das relações sociais. Nessa perspectiva, a fronteira representa um divisor de águas determinante para a construção de relações que extrapolam as próprias linhas geopolíticas e estendem-se por outras regiões a partir do momento em que os migrantes adentram os países limítrofes.

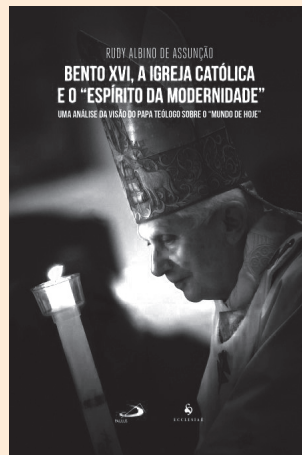
Percebe-se que nativos e estrangeiros e as cidades que os recebem não ficam incólumes à migração. A propósito, ainda que não seja essa a representação hegemônica, é inegável a contribuição dos migrantes para o desenvolvimento da Amazônia, uma vez que os deslocamentos de populações fazem circular novas bases de produção, transferências de tecnologias e conhecimentos, enriquecendo, em maior ou menor grau, as relações culturais, sociais, políticas e

⁸ Conflitos frequentes têm ocorrido entre brasileiros e venezuelanos, situação que revela a omissão por parte do Estado, conforme matéria disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/09/imigrantes-voltam-para-a-venezuela-apos-violencia-em-roraima.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2018.

Bento XVI, a Igreja Católica e o “espírito da modernidade”

Uma análise da visão do papa teólogo sobre o “mundo de hoje”

Rudy Albino de Assunção



Igreja e modernidade: duas palavras que, frequentemente, são colocadas em lados opostos, causando confusão e desentendimentos. Mas muita coisa mudou a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), embora haja quem afirme que a postura eclesial não permaneceu a mesma no pontificado de Bento XVI. Mas afinal Bento XVI é um papa moderno, antimoderno ou pós-moderno? É o que este livro pretende esclarecer a partir de um estudo abrangente sobre a obra do papa emérito, a fim de apresentar o seu pensamento sobre as aproximações e confrontos entre a Igreja e o mundo moderno.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



econômicas. Nesse sentido, os migrantes e refugiados, longe de se configurarem como problema social, representam avanços importantes para a região.

E a presença da Igreja Católica na Amazônia, desde a colonização?

Márcia Oliveira – A história da presença e missão da Igreja na Amazônia confunde-se com a história da colonização e, ao mesmo tempo, difere substancialmente dela. Confunde-se porque a Igreja chega junto com os colonizadores das Coroas espanhola e portuguesa, imbuídos da ânsia de riqueza e da prática saqueadora dos recursos naturais das colônias. Simultaneamente ao projeto colonizador, porém, a Igreja estabelece um projeto evangelizador que representa enormes divergências quanto ao que as Coroas esperavam dos primeiros missionários que aportaram ao largo da bacia amazônica.

Tendo por base os primeiros documentos que registram a presença e o papel da Igreja na Pan-Amazônia, é possível observar certa *desobediência* dos primeiros missionários em relação à prática colonialista, de maneira especial no que se refere à questão da escravidão indígena,⁹ tema bastante evitado pelos intelectuais da história da Amazônia. A história, nessa perspectiva, exige da Igreja atual um “ajuste de contas” com o passado e, no mínimo, um pedido de perdão¹⁰ para seguir adiante.

⁹ Os principais documentos que implicam, direta ou indiretamente, a Igreja na escravidão indígena indicam o seu papel na regulação da escravidão: Lei de 1587; Regimento de 21/2/1603; Lei de 1611; Provisão Régia de 17/10/1653; Alvará de 28/4/1688.

¹⁰ O papa Francisco já iniciou esse processo em sua visita ao México em 16 de fevereiro de 2016, quando pediu perdão em um duro pronunciamento contra “a dor, o abuso e a desigualdade” sofridos pelos povos indígenas. E, mais recentemente, quando se reuniu com os povos indígenas da Pan-Amazônia no dia 19 de janeiro de 2018, em Puerto Maldonado, Peru, onde decidiu pelo Sínodo Especial para a Amazônia e declarou que “os povos amazônicos nativos provavelmente nunca foram tão ameaçados em suas próprias terras como estão agora”.

Se, por um lado, a cristianização passava pelo projeto civilizatório colonizador, o que exigiu dos primeiros missionários uma postura arbitrária e autoritária, promovendo intensa desterritorialização de povos inteiros destinados ao trabalho servil, por outro, a ação missionária implicava também abraçar a causa ameríndia, o que provocou importantes rupturas com os compromissos assumidos com as Coroas ibéricas. Muitos missionários foram expulsos, exilados ou morreram em prisões como preço da desobediência.¹¹

Está em processo o Sínodo para a Amazônia. O que isso representa?

Márcia Oliveira – O Sínodo para a Amazônia representa simultaneamente um ponto de chegada e de partida. Ponto de chegada porque reconhece a trajetória da presença profética da Igreja nessa região. Ponto de partida porque se acredita que o Sínodo apontará novos caminhos e novas direções para a caminhada da Igreja, com novas práticas de libertação descolonizada, profética e missionária.

Como vem sendo realizada a escuta dos povos da Amazônia em preparação ao Sínodo?

Márcia Oliveira – O processo de escuta tem mobilizado toda a Igreja da Pan-Amazônia, que tem encontrado também muitas dificuldades para realizar as consultas nas bases. Os encontros em pequenos grupos, comunidades e paróquias têm se

¹¹ Atuaram nisso concretamente como missionários, mas também politicamente, denunciando a brutalidade dos conquistadores (como foi o caso dos dominicanos Montesinos e Las Casas) ou a ganância dos “encomendeiros” e “mamelucos” paulistas (como os jesuítas Antonio Ruiz de Montoya e Samuel Fritz). Cf. MARTINS, Maria Cristina Bohn. A Amazônia e seus índios no Diário de Padre Fritz. *IHU On-Line*, São Leopoldo, 27 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/8564-a-amazonia-e-seus-indios-no-diario-de-padre-fritz-entrevista-especial-com-maria-cristina-bohn-martins>>. Acesso em: 10 mar. 2018.



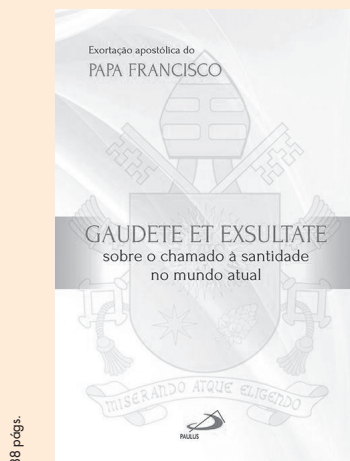
multiplicado por toda parte, constituindo experiências muito bonitas e profundas. Trata-se de oportunidade ímpar para *escutar* os povos da Amazônia, seus sonhos, desejos e anseios, e para *conhecer* mais profundamente seus sofrimentos, lutas e resistências. As escutas confirmam que o povo sabe o que quer e como quer nossa Igreja na Amazônia. Entretanto, há muitas dificuldades que podem comprometer o processo de escuta. As distâncias e o difícil acesso a muitas comunidades e grupos espalhados pela Amazônia representam importantes barreiras no processo de escuta. Mas é louvável o esforço que as dioceses e prelazias estão fazendo para romper essas barreiras e levar o Sínodo aos povos e comunidades mais distantes. É importante destacar o papel do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), do Conselho Indígena de Roraima (CIR), da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Cáritas e dos/as religiosos/as missionários/as que não medem esforços para envolver os povos indígenas, ribeirinhos, seringueiros, comunidades quilombolas, camponeses e todos os povos das águas e das florestas da Amazônia nesse processo sinodal.

Há alguma experiência para destacar nesse processo de escuta para o Sínodo?

Márcia Oliveira – Gostaria de destacar a experiência que testemunhei, entre os dias 26 e 30 de setembro, nas comunidades do baixo rio Cotingo, no extremo norte do estado de Roraima, acompanhadas pelos missionários da Consolata. Mais de cem catequistas e lideranças da Terra Indígena Raposa Serra do Sol estiveram reunidos na Missão Camará para a realização da escuta, num clima de grande celebração de encontro das comunidades e com grande participação da juventude e das mulheres. Apresentaram propostas importantes para

Gaudete et exsultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual

**Exortação apostólica do
Papa Francisco**



Na exortação apostólica *Gaudete et exsultate* ("Alegrai-vos e exultai"), apresentada pelo Papa Francisco em abril de 2018, o Sumo Pontífice fala dos desafios do mundo atual para aqueles que desejam ser santos e dá orientações para alcançar a santidade, diante de uma realidade que impõe tantos obstáculos à fé. A exortação é um convite para que ouçamos e respondamos a um chamado que Deus faz a todos nós: o chamado à santidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



os “novos caminhos da Igreja na Amazônia”, por exemplo a construção de um centro de formação permanente, segundo o formato e a metodologia praticados pelos povos indígenas, e a criação de ministérios específicos, como diáconos permanentes ou “presbíteros casados”, para garantir maior presença da Igreja nas comunidades mais longínquas, somando esforços com os missionários sacerdotes que acompanham a Missão Camará.

Há resistências nesse processo sinodal?

Márcia Oliveira – Há! O processo sinodal tem encontrado a resistência de alguns bispos e sacerdotes que não aceitaram muito bem algumas propostas do Sínodo. Há realidades em que as lideranças locais, com destaque para as pastorais sociais e para as/os religiosas/os das congregações locais, têm assumido a frente dos trabalhos de escuta nas comunidades para garantir maior participação nas assembleias territoriais e fazer que “as vozes dos povos da Amazônia” sejam ouvidas e enviadas para as equipes de sistematização do processo sinodal.

É possível projetar o que o Sínodo poderá trazer de novo à Igreja?

Márcia Oliveira – O “processo sinodal” representa um tempo de graça para a Igreja na Amazônia. Dependendo de seus resultados, poderá orientar a experiência sinodal da Igreja em outras partes do mundo. Mas, no caso específico da Amazônia, temos a grande oportunidade de compartilhar com toda a Igreja universal e com todo o planeta os valores de um evangelho inculturado em uma região que tem muito

a partilhar com todo o mundo, de maneira especial os ensinamentos de convivência sem destruição, numa relação de reciprocidade que representa a tão sonhada “ecologia integral” proposta pelo papa Francisco na *Laudato Si'* (2015). O Sínodo representa importante oportunidade para “amazonizar” o mundo, no sentido de comprovar que é possível adotar outros modos de vida diante de um predominante modelo de desenvolvimento que precisa ser mudado.

O Sínodo tem a responsabilidade de “amazonizar” também a Igreja universal, apresentando os resultados do trabalho de incidência e sensibilização para incentivar mudanças profundas em toda a Igreja preocupada e comprometida com uma “sobriedade feliz” testemunhada pelos povos da Amazônia.

“O Sínodo representa importante oportunidade para ‘amazonizar’ o mundo, no sentido de comprovar que é possível adotar outros modos de vida”

Para você, o que o processo sinodal já vem evidenciando?

Márcia Oliveira – Sinto que o processo sinodal tem comprovado que precisamos de uma Igreja mais despojada e itinerante, capaz de acompanhar os povos nas mais diversas realidades e contextos, propondo uma teologia capaz de compartilhar a experiência de um Deus encarnado nesta realidade¹² de convivência, interação, interdependência e interligação com o cosmo e com a natureza.¹³ Uma teologia alicerçada nas múltiplas espiritualidades das florestas e das cidades da Amazô-

¹² OLIVEIRA, José Aldemir de; GUIDOTTI, Humberto (Org.). *A Igreja arma sua tenda na Amazônia: 25 anos do encontro pastoral de Santarém*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2000.

¹³ LÓPEZ HERNÁNDEZ, Eleazar. *Teología india*. Cochabamba: UCB/Guadalupe/Verbo Divino, 2000.



nia, com especial atenção para os povos indígenas, que representam “o mais importante lugar teológico, onde podemos ouvir a voz de Deus em sua plenitude e atualidade e descobrir os caminhos do seguimento efetivo de Jesus”.¹⁴

Fala-se em formar uma Igreja com rosto amazônico.

Ela já não é uma realidade?

Márcia Oliveira – A Igreja com “rosto amazônico” já está em curso na Amazônia, e o Sínodo virá confirmar esse “rosto”, cuja expressão é a *transnacionalidade* da Igreja pan-amazônica, que leva à consciência da necessidade de uma ação eficaz diante dos desafios que ultrapassam as fronteiras de um único Estado e requerem a sinergia das forças vivas de todas as nações envolvidas, em sintonia com a Santa Sé, com o Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o Secretariado da América Latina e Caribe de Cáritas (Selacc) e com a Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (Clar).

A Igreja na Pan-Amazônia é caracterizada pela eclesialidade que, por ser de índole transnacional, visa criar interação e colaboração harmoniosa entre os vários componentes da Igreja – congregações, dioceses, Cáritas, associações ou fundações católicas, grupos de leigas e leigos, entre outras instituições e grupos sociais e eclesiais.

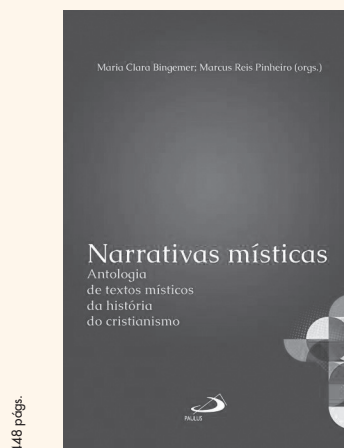
A Igreja na Pan-Amazônia é também caracterizada pela luta em defesa e proteção da vida de várias comunidades, que, somadas, representam mais de 30 milhões de pessoas. Elas estão ameaçadas pela poluição, pela radical e rápida mudança do

¹⁴ PERANI, Cláudio. Espiritualidade amazônica. *Revista Convergência Brasília*, n. 406, p. 471, out. 2007.

Narrativas místicas

Antologia de textos místicos da história do cristianismo

*Maria Clara Bingemer e
Marcus Reis Pinheiro (orgs.)*



448 págs.

Parte integrante da coleção Amantes do Mistério, este é um volume fundamental para os estudos da mística no Brasil. Ele coloca ao alcance do leitor brasileiro textos essenciais de místicos cristãos, desde os primórdios do cristianismo até os dias de hoje. A obra preenche uma lacuna nas pesquisas sobre o contato com o Mistério Divino, familiarizando o leitor com a biografia e com os escritos originais dos místicos mais importantes da história cristã.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



ecossistema do qual dependem e pela falta de proteção de direitos humanos fundamentais. Isso ocorre quando, por exemplo, o desmatamento avança sem controle ou quando projetos de mineração e de agricultura intensiva são iniciados sem consultar, muito menos envolver, as populações locais da Amazônia, no respeito à sua dignidade. A tomada de posição da Igreja em favor dos povos da Amazônia confere à Igreja universal o reconhecimento de sua presença profética e de seu compromisso com a libertação. Isso é ser Igreja com “rosto amazônico”.

A presença da mulher na Igreja e na sociedade amazônica, como se caracteriza?

Márcia Oliveira – É impossível falar da Igreja na Amazônia sem falar da presença e do papel das mulheres à frente dos grupos organizados, das comunidades e pastorais. Também não é possível falar de política e movimentos sociais na Amazônia sem considerar a atuação das mulheres.

Elas estão à frente da organização e animação das comunidades, das organizações sociais, da educação, da saúde. Seu papel está relacionado com a herança étnica dos diversos povos ameríndios que se organizam com base na orientação das mulheres em estreita relação com o sagrado. Para a maioria das etnias, as mulheres são portadoras da experiência do sagrado, são pontes entre o humano e o transcendente. São portadoras das diversas espiritualidades e por isso desenvolvem papel importante também na vida política dos grupos étnicos, ensinando a compartilhar a relação de poder numa atitude de des-

centralização, o que gera maior participação e compromisso com a causa da vida e da libertação. Joênia Wapichana é exemplo disso. Foi a primeira mulher indígena eleita deputada federal no país, com 8.491 votos, dos quais, seguramente, boa parte veio dos “parentes étnicos” dos diversos povos indígenas de Roraima.

Reconhecer o papel das mulheres na Igreja da Amazônia é fazer justiça a todas aquelas que morreram em defesa dos direitos e da vida dos povos dessa região, com especial destaque para a irmã Dorothy Stang, covardemente assassinada em Anapu, no Pará, em 12 de fevereiro de 2005, e para a irmã Cleusa Coelho, mártir da justiça e da paz dos povos indígenas, assassinada no dia 28 de abril de 1985 na Prelazia de Lábrea, no Amazonas.

Penso que o Sínodo acena para o reconhecimento de nosso papel na Igreja e na sociedade. Prova disso é a minha participação na Comissão de “Experts”, convidada pelo Vaticano, por meio da Secretaria do Sínodo, para contribuir com as reflexões pré-sinodais e elaborar o Documento Preparatório, que tem como finalidade conduzir os trabalhos da escuta sinodal. Ser a única mulher leiga na equipe provoca certa “estranheza” num ambiente em que a presença masculina é predominante. Entretanto, o fato de compor a equipe significa certa abertura da Igreja à participação ativa e efetiva das mulheres. Vejo nisso um sinal de mudanças mais profundas na Igreja, no sentido de uma abertura para o diálogo com as mulheres e para a valorização de nossa presença e nosso papel. ●

“A tomada de posição da Igreja em favor dos povos da Amazônia confere à Igreja o reconhecimento de sua presença profética e de seu compromisso com a libertação”



O Sínodo da Amazônia: grito à consciência, memória da missão, opção pela vida

Roque Paloschi*

Este artigo discorre sobre as três qualificações e tarefas do Sínodo da Amazônia: escuta do “grito à consciência”, “memória da missão” e “opção primordial pela vida dos mais indefesos”.

*Dom Roque Paloschi é bispo da Igreja que está em Porto Velho-RO e presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Introdução

Ao anunciar, em 15/10/2017, a realização de uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Amazônia, o papa Francisco deu continuidade à caminhada que qualificou como “caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. O Sínodo para a Amazônia se insere no processo pós-conciliar em defesa da vida, que na América Latina começou com Medellín (1968; “libertação”, “opção pelos pobres”) e continuou com Puebla (1979;



“assunção/redenção”), Santo Domingo (1992; “inculturação”) e Aparecida (2007; “Missão”). Com suas respectivas conclusões, essas Conferências do Episcopado Latino-Americano e do Caribe forneceram uma “cesta básica” para a prática pastoral e para a reflexão teológica.

Hoje, essa caminhada latino-americana e caribenha é assumida e enriquecida pelo carisma do papa Francisco, que à “conversão pastoral” (EG 25; 27; 32) integrou a “conversão ecológica” (LS 216ss) e deslocou o centro da Igreja para as periferias do mundo, visando a uma realidade social sem periferia. As duas conversões têm somente um foco: a partilha equitativa da vida entre tudo que foi criado e que é dom de Deus.

Em seu Encontro com os Povos da Amazônia no dia 19 de janeiro de 2018, em Puerto Maldonado, no Peru, o papa Francisco lembrou que setores dominantes em nossas sociedades e até governos nacionais e estrangeiros tratam a Amazônia como “despesa inesgotável” e consideram os povos originários um obstáculo para o desenvolvimento da região. Na realidade, as culturas da Amazônia são sinais de vida, “além de constituir uma reserva da biodiversidade [...], que deve ser preservada face aos novos colonialismos” – ávidos por disputar cada palmo do território amazônico com os habitantes originários. “A nova ideologia extrativa e a forte pressão de grandes interesses econômicos cuja avidez se centra no petróleo, gás, madeira, ouro e monoculturas agroindustriais” representam uma ameaça cotidiana. Francisco contestou essa discriminação do território amazônico e dos seus habitantes, que inverte

as causas a ponto de acusar os “bombeiros” da Amazônia de “incendiários”: “A verdade é”, disse o papa, “que vós [...] sois um grito lançado à consciência de um estilo de vida que não consegue medir os custos do mesmo. Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum”. Ele deixa claro, também, que, ao defender seus territórios, os povos da Amazônia são uma “opção primordial pela vida dos mais indefesos”, porque “a defesa da terra não tem outra finalidade senão a defesa da vida” (FRANCISCO, 2018).

Com essas três qualificações e tarefas dos povos originários, o papa Francisco circunscreveu também as três tarefas do Sínodo para a Amazônia. Esse Sínodo haverá de se manifestar como escuta, memória e opção:

a) como escuta do “grito à consciência”, porque “difícilmente se saberá escutar os gritos da própria natureza” (LS 117);

b) como “memória da missão”, que, ao lembrar-se de seu passado e de suas amarras coloniais, hoje assume árduo processo de descolonização. Em sentido amplo, o Sínodo foi convocado para localizar e continuar a “viragem descolonial” que começou com o Vaticano II. Descolonizar a Amazônia permitirá amparar sua biodiversidade para o bem de toda a humanidade e para construir uma Igreja com “rosto amazônico”;

c) como ação e “opção primordial pela vida dos mais indefesos”, que são os povos indígenas. A esse respeito, o papa admite que “provavelmente, nunca os povos originários amazônicos estiveram tão ameaçados nos seus territórios como estão agora” (FRANCISCO, 2018).

**“O Sínodo
para a
Amazônia
se insere
no processo
pós-conciliar
em defesa
da vida,
que na América
Latina começou
com Medellín”**

1. Escutar o grito à consciência

O Sínodo sobre a Amazônia, que praticamente começou em Puerto Maldonado, na hora do encontro do papa Francisco com os povos amazônidas, representa a continuação prática da Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da Casa Comum. “Quis vir visitar-vos e escutar-vos”, disse o papa naquela ocasião, “para [...] solidarizarmo-nos com os vossos desafios”. E seu escutar não foi em vão.

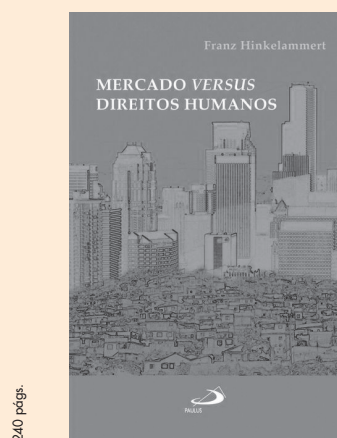
Na Mensagem Final de um seminário recentemente convocado pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) e realizado de 5 a 9 de novembro de 2018 em Bogotá, na Colômbia, bispos e secretários das Comissões Episcopais sobre a pastoral entre os povos originários repercutiram esse grito à consciência e confirmaram a situação dramática em que os povos indígenas são obrigados a viver:

Com dor constatamos que estes povos estão sofrendo em todos os países uma situação de desprezo, marginalização e até criminalização. Frequentemente são desalojados de seus territórios tradicionais, o que os obriga a migrar para zonas urbanas, onde sofrem o despojo de sua dignidade e de seu direito de ser diferentes [...]. O sistema neoliberal globalizado oprime rapidamente qualquer pequena alternativa emergente. Existe pouco espaço para que os Povos Originários possam contribuir com a grande riqueza de seus valores humanos que desenvolveram e mantêm durante milênios, resistindo a toda classe de colonização, invasão ou dominação.¹

¹ Cf. <http://www.celam.org/Images/img_noticias/doc15bf823a1a7993_23112018_858am.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2018.

Mercado versus direitos humanos

Franz J. Hinkelammert



O livro versa sobre um tema fundamental dos dias de hoje: o conflito entre mercado e direitos humanos. Uma das principais ideias do livro é que a defesa dos direitos humanos é condição de possibilidade de uma sociedade alternativa e sustentável. Para Hinkelammert, o principal violador dos direitos humanos é esse mercado sacralizado, que nega aos pobres e aos excluídos o direito básico de viver com dignidade. Na lógica do mercado, tudo é reduzido ao cálculo de utilidades para a realização do interesse econômico, em prejuízo da vida em comunidade e das relações de solidariedade e amizade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



A escuta é exigência da sinodalidade, da solidariedade, da convivência e da caminhada comunitária. A sinodalidade vai um passo além da colegialidade, que se entende, na Igreja Católica, como consenso doutrinal e vivencial entre os bispos – portanto, como consenso corporativo. A sinodalidade aponta para o consenso de todos os batizados, que, em seu conjunto, configuram o Povo de Deus. Isso desde o Vaticano II, que, após longa discussão, definiu em sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium* a estrutura hierárquica da Igreja e o episcopado como uma função ministerial não acima, mas no interior do Povo de Deus.

Assim podemos entender o apelo do papa Francisco à autodeterminação dos habitantes da região amazônica: “É bom que agora sejais vós próprios a autodefinir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos vos escutar” (FRANCISCO, 2018). Escutar a nova leitura histórica do seu passado e a explicação antropológica de sua visão de mundo, de seus costumes e de suas tradições milenares.

“Precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual” (EG 171). Essa proximidade é particularmente importante numa região em que a distância geográfica serviu de pretexto para a distância pastoral. A escuta ajuda-nos a encontrar o gesto certo e a palavra oportuna “que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores” (EG 171) e nos levam a tomar decisões de descentralização ministerial e sacramental que possibilitam maior proxi-

midade. “Confiemos que a Igreja, enraizada em suas dimensões sinodal e missionária, possa gerar processos de escuta (ver, escutar) e processos de discernimento (julgar) capazes de responder (agir) às realidades concretas dos povos amazônicos” (DP 64). A escuta é um ato de fé e “requer, mais que nunca, um magistério eclesial exercido na escuta do Espírito Santo, que garante unidade e diversidade” (DP 60).

Escutemos os povos tradicionais que, com sua visão holística do mundo, com seu amor para com a terra e sua relação com os ecossistemas, amam o Deus criador. Nas “suas próprias dores conhecem Cristo sofredor” (EG 198). Em sua compreensão da vida social como diálogo, estão inspirados pelo Espírito Santo. A evangelização exige escuta recíproca: “É necessário que todos nos deixemos

evangelizar por eles” (EG 198) e “por suas culturas”, que são “culturas do encontro” na vida cotidiana, em “harmonia pluriforme” (EG 220) e “sobriedade feliz” (LS 224s). E o papa pede, para essa evangelização, a ajuda dos povos aborígenes: “Ajudai os vossos bispos, ajudai os vossos missionários e as vossas missionárias a fazerem-se um só convosco e assim, dialogando com todos, podeis plasmar uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena” (FRANCISCO, 2018).

Desde aquela memorável visita e escuta do papa Francisco em Porto Maldonado, aconteceram muitas visitas e escutas em todas as circunscrições eclesiais do território pan-amazônico. A Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam) organizou quatro fóruns temáticos em toda a Pan-Amazônia e mais de 20 assembleias territoriais

**“Precisamos
nos exercitar na
arte de escutar,
que é mais
do que ouvir.
Escutar, na
comunicação
com o outro,
é a capacidade
do coração que
torna possível a
proximidade”**

pré-sinodais, que reuniram duas ou mais dioceses, vicariatos ou prelazias em cada país amazônico na busca de “novos caminhos” para a evangelização daquela região, com seus desafios específicos. As sínteses de todas essas escutas estão sendo preparadas para configurar o Documento de Trabalho, que se espera seja publicado até o final do mês de junho de 2019 e vai servir como subsídio aos membros do próprio Sínodo em outubro.

A escuta dos desafios dos povos amazônicos, tomada a sério, obriga necessariamente os padres (e madres) sinodais a assumir decisões e ações concretas. As reivindicações que escutamos nas comunidades amazônicas, indígenas, ribeirinhas e das zonas urbanas, provavelmente nem sempre estarão em conformidade com o previsto pelo Direito Canônico. Este, porém, não pode servir de filtro para novas questões ou para reduzir a escuta das comunidades a um exercício meramente formal, sem permitir caminhar por “novos caminhos” e tomar decisões corajosas, que o papa Francisco espera. Os membros do Sínodo devem-se lembrar sempre do último cânon do Direito Canônico, introduzido por pedido explícito do papa João Paulo II: “Na Igreja deve-se ter sempre em vista que a Lei suprema é a salvação das almas” (Cân. 1.752).

2. Memória da missão

Para a América Latina cristianizada, missão significa memória de um passado colonial ainda próximo e projeto de libertação em curso. Memória e projeto são constitutivos da caminhada missionária. O Sínodo para a Amazônia chama a atenção desses dois projetos: descolonização, pela assunção da cultura de cada povo como pressuposto de sua redenção (cf. PAPA FRANCISCO, 2018), e libertação da exploração de cada povo, subjugado

História política de Israel

Desde as origens até
Alexandre Magno

Henri Cazelles



256 págs.

Instrumento de trabalho que ajuda a abordar o panorama político da história de Israel. De modo claro e sintético, o autor se serve das pesquisas mais recentes sobre o Oriente Antigo, permitindo ao leitor captar o essencial de cada período da história de Israel.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



por interesses hegemônicos. Por conseguinte, a finalidade desse Sínodo será modelar uma Igreja com “rosto amazônico” (DP 5; 63; 66; 78; 81; 82; 88; 90), quer dizer, modelar uma Igreja e um mundo pós-colonial libertados de todas as formas de neocolonialismo, que destrói a biodiversidade e impede a autodeterminação. Ainda hoje existem restos do projeto colonizador, que demoniza as culturas indígenas (cf. DP 24) para destruí-las e para explorar os sujeitos dessas culturas, os povos indígenas. Ao Sínodo cabe “colaborar na construção de um mundo capaz de romper com as estruturas que sacrificam a vida e com as mentalidades de colonização para construir redes de solidariedade e interculturalidade” (DP 4).

Cabe aos padres sinodais fazer resplandecer o rosto amazônico na Igreja, ou seja, “aprofundar o processo de inculturação” (EG 126; DP 79) e, profeticamente, denunciar as situações de injustiça no mundo e na região (cf. DP 66). Os povos indígenas estão em perigo de perder seus territórios “por novos colonialismos [...] mascarados de progresso” (FRANCISCO, 2018).

Na passagem pela sua história de dois milênios e na convivência com sistemas coloniais e imperiais, democráticos e ditatoriais, a Igreja não conseguiu livrar-se radicalmente de suas heranças coloniais. Inculturações bem-sucedidas, às vezes, foram impostas, em outros tempos, como “culturas normativas” a outras regiões. As declarações de independência de povos outrora colonizados não eliminaram o vírus que permite a sobrevivência de mentalidades anteriormente estruturadas nem o perigo de recolonizações políticas, culturais e religiosas. A busca da descoloniali-

dade teológico-pastoral é um processo permanente, e a inculturação é a tentativa de uma evangelização em chave pós-colonial. A busca do Sínodo por nova proximidade com os povos amazônicos passa por uma Igreja vulnerável e vulnerada pelas cristalizações de sua longa história, mas também por uma Igreja povo de Deus, que nunca parou de construir o Reino a partir dos pequenos, de suas culturas, linguagens e teologias. A evangelização em chave pós-colonial reconhece a alteridade de todos e a autonomia do pobre como bens do Criador e dons do Espírito Santo. A bandeira pós-colonial insere a Igreja num movimento contra-hegemônico, no

qual se partilham as lutas pela preservação da vida, o empenho pela redução do sofrimento e a vigilância em face da alienação imposta pelos aliciamentos do mercado e da mídia.

Hoje, a Amazônia é uma causa universal, não um caso entre outros. Entre causa universal e raiz particular ou local não existe contradição, mas polaridade. As decisões do Sínodo têm sua origem na Igreja local, mas terão relevância universal, como a encarnação de Jesus de Nazaré. A Igreja universal não é uma entidade que paira acima de Igrejas locais. A Igreja universal se constitui na articulação das Igrejas locais. O nascimento de decisões pastorais num lugar específico não afeta a unidade universal da Igreja na fé. A helenização e a romanização da Igreja, nas suas origens, podem ser consideradas opções corretas de gregos e romanos, mas não são necessariamente relevantes para o resto do mundo. Atenas e Roma não forneceram instrumentos “providenciais” para a interpretação universal do evangelho. Disponibilizaram instrumentos culturais, geográficos

**“A Amazônia
é uma causa
universal,
não um
caso entre
outros”**

fica e historicamente localizáveis. No momento em que se impuseram como “universais”, falsificaram a identidade do cristianismo em seu pluralismo pentecostal. A viabilidade das decisões do Sínodo para a Amazônia não pode depender de sua viabilidade cultural universal. Devemos distinguir entre um pluralismo contraditório, que relativiza tudo, um pluralismo complementar e um pluralismo pentecostal, que nem sempre precisa ser complementar. O pluralismo das línguas de Pentecostes, por exemplo, não é complementar. O ser cristão na Amazônia e o ser cristão na África unem a fé, e não as expressões culturais dessa fé.

O Sínodo para a Amazônia vai ser um sínodo universal da Igreja Católica, e não somente um sínodo com a participação dos nove países propriamente pan-amazônicos: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Suriname, Guiana, Guiana Francesa e Brasil. O papa admite que “caminhar juntos – leigos, pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática”.

3. Opção sinodal pelos povos indígenas

Os “novos caminhos” têm pressupostos amazônicos, cultural e historicamente situados e marcados por três cuidados:

- o sujeito (os povos da Amazônia, incluindo os seus pastores);
- a microrregião (rostos amazônicos);
- a macrorregião (novo estilo de vida de toda a humanidade).

a) O Sínodo está sendo realizado por bispos, mas para e com os povos amazônicos (cf. DP 1), cuja vida é ameaçada e cujos territórios são disputados (cf. DP 24). No caminhar sinodal, trata-se, portanto, de um protagonismo partilhado

com todo o povo de Deus. A participação dos povos amazônicos vai além de meras consultas, porque o povo de Deus é dotado com o “instinto da fé” (*sensus fidei*), que o torna infalível em seu conjunto (EG 119; cf. LG 12; DV 10; DP 61).

b) A Igreja com rosto amazônico visa à construção de uma Igreja descolonizada, inculturada e contextualizada. Com esse pano de fundo, “urge avaliar e repensar os ministérios que hoje são necessários para responder aos objetivos de ‘uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena’” (DP 81). Onde já se mostra esse rosto amazônico e indígena é na presença e atuação de mulheres e homens nas comunidades e em muitas celebrações não oficiais que poderiam inspirar a inculturação sacramental. A reivindicação de avanços na admissão de *virī probatī* ainda é a reivindicação de uma Igreja clerical de meio século atrás. Ao falarmos de uma Igreja indígena descolonizada, haveremos de falar de *virī probatī* e *uxores probatae*, de homens e mulheres que marcaram, por longos anos, sua relevância pastoral na Igreja.

c) Os novos caminhos se mostrarão por meio de um novo estilo de vida de todos os batizados. Os “novos caminhos” não são caminhos paralelos que se encontram na eternidade, mas caminhos dialógicos e interconectados. O processo de evangelização não pode ser separado do zelo pelas culturas nem do cuidado com o território e a ecologia (cf. DP 52). “‘Tudo está interligado’ (LS 16; 91; 117; 138; 240) é a grande insistência do papa Francisco para facilitar o diálogo com as raízes espirituais das grandes tradições religiosas e culturais” (DP 72). Essa interligação de tudo aponta para novo estilo



de vida, que una todos os humanos com suas culturas e a natureza, com seus bosques, terras firmes e águas, na mística de uma vida em “sobriedade feliz” (LS 224s). Interligados são a mãe Terra e toda a humanidade, as religiões e os sonhos que fazem parte da polaridade sinérgica da vida. Ela nos permite “encontrar Deus em todas as coisas”, como nos ensinaram os místicos mestre Eckhart e Inácio de Loyola.

Conclusão

Vivemos um *kairós*, um tempo favorável para ser “Igreja em saída” (EG 20ss) e caminhar juntos. Em várias ocasiões, o papa disse aos seus interlocutores que espera propostas corajosas. Aplicando em outro contexto as palavras de sua mensa-

gem por ocasião do encerramento da 14ª Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Família, sinodalidade “seguramente não significa que encontramos soluções exaustivas para todas as dificuldades e dúvidas que desafiam e ameaçam” a Amazônia. O que importa é “que colocamos tais dificuldades sob a luz da fé, examinamo-las cuidadosamente, abordamo-las sem medo e sem esconder a cabeça na areia” (FRANCISCO, 2015b). Quem esconde a cabeça na areia é o avestruz. Ele não sabe voar. Na hora do perigo, foge ou esconde a cabeça na areia. O papa Francisco, certamente, tencionava nos lembrar da nossa capacidade de voar. Cada um de nós tem a vocação de ser condor e sabiá: condor para voar alto e atravessar os Andes, e sabiá para cantar. ●

Referências bibliográficas

- AMAZÔNIA: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral: Documento Preparatório (DP) do Sínodo dos Bispos para a Assembleia Especial para a Região Pan-Amazônica. *Boletim da Sala de Imprensa da Santa Sé*, Vaticano, 8 jun. 2018. Disponível em: <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/06/08/0422/00914.html#po>>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA. *Documentos do Celam*: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.
- FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco no Encontro com os Povos da Amazônia*, 19 jan. 2018. Disponível em: <<http://www.crbnacional.org.br/site/encontro-com-os-povos-da-amazonia-discurso-do-papa-francisco/>>. Acesso em: 28 nov. 2018.
- _____. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015a.
- _____. *Discurso do papa Francisco na Conclusão da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 24 out. 2015b. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151024_sinodo-conclusioni-lavori.html>. Acesso em: 28 nov. 2018.
- _____. *Discurso do papa Francisco por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 out. 2015c. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>. Acesso em: 28 nov. 2018.
- _____. *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.



UMA IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO

Reuberson Ferreira*

O artigo, organizado com base na experiência missionária do autor, aponta caminhos que podem ser divisados como promotores de uma Igreja com rosto amazônico. Considera o que a Igreja amazônica pode oferecer à Igreja Católica no mundo, bem como o que ela precisa ser: uma Igreja plenamente católica na Amazônia.

*Reuberson Ferreira, msc, é religioso e padre da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração. Mestre em Teologia, trabalhou cinco anos no Amazonas, na Diocese de São Gabriel da Cachoeira (AM). Atualmente é pároco e reitor do Santuário Nacional de Nossa Senhora do Sagrado Coração em São Paulo (SP).

Introdução

Diante da secular fachada da Basílica Vaticana, a uma multidão embevecida de fiéis reunidos entre as colunatas que cercam a praça idealizada por Bernini, o papa Francisco deu a conhecer, de maneira espontânea e imprevista, ao final da missa da canonização dos mártires do Rio Grande do Norte, seu desejo de celebrar um sínodo pan-amazônico. Se não fossem as revelações posteriores, essa inusitada cena seria uma anamnese perfeita da atitude de outro papa que, numa ocasião similar, após officiar a Eucaristia, fez um tão espontâneo e significativo anúncio ao mundo,



definido como “flor espontânea de inesperada primavera” (João XXIII, 1963). Tal dístico – o Concílio Vaticano II – transformou-se no maior evento da Igreja no século XX e marcou decisivamente a fisionomia católica.

Salvaguardando as diferenças de contextos e proporções, pode-se alentar profundas esperanças em relação às “espontaneidades” daqueles que chegam ao sólio petrino. Quiçá se avizinha uma lufada revigorante do Espírito Santo, capaz de marcar outra vez a tessitura eclesial, mormente aquela da região amazônica, aportando, como fez o Vaticano II com a modernidade, a Igreja de maneira mais cirúrgica no coração dos povos e das culturas amazônicas. Trata-se de, como sonha o papa Francisco, buscar e apresentar “novos caminhos para a evangelização daquela porção do povo de Deus, especialmente dos indígenas” – uma categoria que frequentemente é esquecida e não raro tem suas perspectivas de futuro defraudadas inclusive pela “crise da floresta amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta” (FRANCISCO, 2017).

Assim, instados pelos apelos do papa Francisco e inquietos pela busca de novos itinerários para a evangelização daquela singular parcela do povo de Deus, tentaremos, neste artigo, apontar caminhos (*non nova, sed nove*) para a ação pastoral e evangelizadora da Igreja neste admirável “continente amazônico”. Os argumentos que sustentarão o aceno desses caminhos brotarão, de um lado, da reflexão teológica eclesial atual à luz das exigências da ação evangelizadora na Amazônia e do papado de Francisco; de outro, da experiência prático-

-pastoral do autor deste texto, que, por cinco anos, atuou na Diocese de São Gabriel da Cachoeira, a mais extensa e indígena do Brasil, atendendo a aldeias ribeirinhas e colaborando na formação de comunidades cristãs. O texto, nesse sentido, será eivado também por uma carga testemunhal e delineado segundo a perspectiva de uma posição geográfica restrita, não abrangendo, desse modo, em minúcias toda a capilaridade do universo pan-amazônico.

**“As reflexões
do Sínodo
especial superam
o âmbito
estritamente
eclesial
amazônico,
por serem
relevantes para
a Igreja e para
o futuro de todo
o planeta”**

**1. Uma Igreja
com rosto amazônico**

A alvissareira convocação da assembleia sinodal pelo papa Francisco despertou esperanças, promoveu alegrias. O tema eleito pelo pontífice para esse Sínodo provoca tácita explosão de ideias, propostas e sonhos. Trata-se de oportunidade rara de levar àquela seara eclesial propostas que incidam numa pastoral encarnada, com contornos claros e preocupações que tocam a carne real da Igreja amazônica. De fato, novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral no universo (pan-)amazônico constituem um ideal simultaneamente audacioso e complexo; um projeto digno de visionários da estirpe do atual pontífice, secundado, certamente, por bispos que sentem diuturnamente as vicissitudes do labor evangelizador na desafiante realidade amazônica.

Nesse sentido, é possível, sem antecipar-se às discussões sinodais, tentar contemplar, com propostas objetivas e reais, as silhuetas de uma Igreja nitidamente amazônica. Trata-se, a nosso ver, entre teorias e experiências, de sonhar com uma Igreja capaz de exalar o bom odor de sua



gente, além de, ao mesmo tempo, amalgamar as necessidades concretas de seu povo e ser espelho da vivacidade ritual das culturas autóctones.

1.1. Igreja amazônica: capaz de exalar o bom odor de sua gente, sua cultura e sua história

No processo de preparação para a assembleia a ser celebrada em outubro de 2019, a visita do papa Francisco ao Peru, mormente seu discurso a mais de 5 mil indígenas em Porto Maldonado, tornou-se evento inaugural dos trabalhos sinodais, como destacou um bispo da Amazônia (DAMIAN, 2018). Contíguo a esse encontro, naquele mesmo 19 de janeiro, um séquito de mais de 30 bispos, orientados pelo presidente da Rede Pan-Amazônica, cardeal Hummes, e pelo secretário sinodal, dom Lorenzo Baldisseri, debateu sobre a dinâmica de trabalhos da assembleia sinodal. Não mais que seis meses depois, despontou o sucinto texto preparatório, que deveria ser levado às comunidades para ulteriores debates, aportes e retificações, em vista de tornar-se um texto-base da reunião sinodal.

Elaborado por uma equipe de expertos constituídos em uma comissão pré-sinodal, o texto-base do Sínodo, entre outras coisas, atesta que “as reflexões do Sínodo especial superaram o âmbito estritamente eclesial amazônico, por serem relevantes para a Igreja universal e para o futuro de todo o planeta” (DP, “preâmbulo”). Esse mesmo argumento, seminalmente, já havia sido avalizado pelo papa Francisco quando da convocação do Sínodo (2017). Assim, antes de receber algo ou ser instruída por outrem, deve-se admitir que a Igreja amazônica pode oferecer muitíssimo de sua realidade à Igreja Católica no mundo; seria o exalar de um bom odor dos cristãos pan-amazônicos para a humanidade.

Quando a fé se torna social

Antonio Spadaro



O homem hoje, mais do que à procura de um sinal, está habituado a ficar sempre na possibilidade de recebê-lo. Em outras palavras, vivemos sem fazer muitas perguntas sobre Deus: se Ele existe, aparecerá de algum modo. O desafio atual não deve ser como usar bem a rede, mas como viver bem nos tempos da rede. A rede não é um novo meio de evangelização, e sim um contexto no qual a fé é chamada a se exprimir.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



A Igreja pan-amazônica é, congenitamente, plural e superlativa. Sua pluralidade externa-se em suas expressões eclesiais, em sua população e em sua geografia. De fato, a bacia hidrográfica da Amazônia representa uma das maiores reservas de biodiversidade de água doce e possui mais de um terço das florestas primárias do planeta. São, segundo o documento preparatório, mais de 7,5 milhões de quilômetros quadrados, com nove países que fazem parte desse grande bioma que é a Amazônia (DP 1). A diversidade populacional é imensa. Desde ribeirinhos até citadinos, de aldeias voluntariamente isoladas a tribos profundamente ajustadas à tradição ocidental, são mais de 30 milhões de habitantes. Trata-se, como é dito por pesquisadores, de várias “Amazônias” alocadas numa única pátria grande chamada Amazônia. É um universo plural e grandioso que abriga imensa e diversa variedade de povos, línguas, culturas e raças.

Nesse cenário complexo, amplo e plural, mesmo não de modo homogêneo e totalmente ordenado, a Amazônia consegue conviver com a diversidade e a pluralidade cultural, religiosa e social. Assim, é

forçoso admitir que esse aspecto é algo relevante para toda a Igreja. Deve, portanto, ser um dos bons aromas exalados, desde as cercanias das comunidades ribeirinhas ou aldeias indígenas, para a Igreja católica mundo afora. Contemplando a heterogeneidade da Igreja naquela porção particular do povo de Deus, cabe traçar caminhos para, na Igreja Católica, respeitar o diverso, o múltiplo e o plural e conviver com eles, evitando qualquer reducionismo ou unilateralidade de modelo eclesial e compreendendo que os acurados modelos eclesiológicos são modos, por vezes culturais, de viver uma mesma fé.

Outro aspecto típico da Igreja amazônica que pode ser apresentado à Igreja em toda *orbi* como bom odor daquela parcela do povo de

Deus é a evangélica pobreza. A rigor, constata-se a olho nu que a região pan-amazônica é empobrecida. Um estudo do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) aponta que são drásticas as condições sociais, econômicas e ambientais nos países amazônicos. Cerca de metade da população desses países encontra-se abaixo da linha da pobreza. Associa-se a isso a mortalidade in-

**“A Amazônia
consegue
conviver
com a
diversidade
e a pluralidade
cultural,
religiosa
e social”**



152 páginas

Maria, a mãe do povo

Resgatando a tradicional espiritualidade mariana

Jerônimo Gasques

Pe. Jerônimo Gasques escreveu este livro com o objetivo de ajudar a resgatar o genuíno devocional mariano, como as rezas mais antigas, e a compreender melhor a razão de tantas devoções que, às vezes, cultivamos sem saber por que, trazendo à lembrança dos católicos esse aspecto devocional reforçado pela evangelização.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



fantil, que na Amazônia é bem maior do que a média nacional dos países. Na Bolívia, ela está acima do verificado nas regiões mais pobres do mundo: são 73 casos por mil nascidos vivos. Há ainda a questão da desnutrição, que atinge um quarto da população infantil, sendo os indígenas os mais vulneráveis a esse problema. Ademais, pesquisas revelam que o analfabetismo na região está acima dos parâmetros internacionais, atingindo na Amazônia brasileira 11%, mais que o dobro em relação aos 5% definidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como critério de situação crítica. Em termos eclesiais, a Pan-Amazônia, proporcionalmente, é a que goza de menor quantidade de ordenados e consagrados a serviço das diversas comunidades, tem menos locais de culto e obras assistenciais mantidas pela Igreja. Percebe-se, portanto, da cultura à religiosidade, da economia à educação, o empobrecimento da região pan-amazônica.

Não obstante a pobreza estrutural, fruto de opções políticas injustas, outro tipo de pobreza pode ser percebido, aquela que é evangelicamente vivida. A Igreja pan-amazônica, excetuando algumas poucas realidades, é simples, pobre. Nas feições do povo ou na organização das igrejas, percebe-se a leveza e a simplicidade das primeiras comunidades cristãs. No estilo, em geral, despojado de seus pastores, percebe-se uma legião de novos signatários do pacto das catacumbas, filhos da tradição latino-americana semeada desde Medellín, desprovidos de títulos e insígnias de ostentação, paladinos de uma Igreja pobre e para os pobres. No apoio às organizações de defesa dos direitos dos espoliados, dos indígenas e ribeirinhos, vê-se a certeza de uma Igreja que busca ser voz ao lado dos que têm pouca ou quase

O futuro da fé

Harvey Cox



Que configuração a fé cristã deverá assumir no século XXI? Em meio ao ritmo acelerado das mudanças globais e diante de um aparente ressurgimento do fundamentalismo, o cristianismo ainda poderá sobreviver como uma fé viva e fecunda? Com seu estilo rico e acuidade acadêmica, Cox explora essas e outras questões num livro que é, ao mesmo tempo, autobiografia, comentário teológico e história da Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



nenhuma voz. Assim, ciente, como sonha e ensina o papa, de que o serviço aos pobres deve ser o critério de autenticidade do evangelho (cf. EG 195), a Igreja na Amazônia tem um bom odor a exalar pelos seus poros para a Igreja Católica no mundo inteiro: o compromisso com os pobres, com uma Igreja pobre. Um compromisso congênito, próprio do seu jeito de ser Igreja.

Em cinco anos que vivi na Amazônia, fui surpreendido, porque aprendi mais que ensinei, ganhei mais que doei. Aquela Igreja local ofertou muito mais à minha visão da Igreja católica, universal. Aprendi, convivendo com outros religiosos, o doloroso preço a ser pago pela fidelidade evangélica a Deus nos pobres e sofredores. Acompanhei, não sem sofrimento, uma religiosa italiana da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora ser subitamente retirada de sua função e enviada ao continente africano após ameaças de morte, por ter denunciado ao Ministério Público a exploração sexual de indígenas por um cartel de empresários da cidade. Aprendi, no atendimento diário de mais de 18 tribos sob minha responsabilidade pastoral, com línguas e histórias diferentes, a conviver com a singeleza e a diversidade de uma Igreja simples e plural, que merece atenção e respeito.

Em resumo, uma Igreja com rosto amazônico, antes de qualquer coisa, tem de oferecer à Igreja Católica no mundo aquilo que ela é, diríamos, ontologicamente. Assim, por sua própria peculiaridade, deve ensinar à Igreja universal a capacidade de conviver com a necessária pluralidade eclesial. De igual modo, a pobreza evangélica, vivida de forma ra-

dical na Amazônia, deve ser uma flâmula apresentada à Igreja universal como critério de autenticidade do seu anúncio do evangelho.

1.2. Igreja amazônica: atenta às necessidades concretas do povo e espelho da vivacidade ritual autóctone

Ainda delineando as feições de uma Igreja com rosto amazônico, sonha-se com uma comunidade encarnada, real e sintonizada com as alegrias e esperanças concretas do povo alocado na Pan-Amazônia. Trata-se de ideal ambicioso, pois essa região é infinitamente diversa, plural e múltipla. Esse fato dispensa, por um lado, qualquer projeto monolítico de identidade eclesial e, por outro, enseja a busca de elementos transver-

sais que, adaptados às diversas situações locais, permitem construir uma identidade particular. Nesse sentido, apresentamos três elementos que podem ser catalisadores de uma Igreja com rosto amazônico, a saber: ministérios, defesa da natureza e incorporação de elementos culturais à realidade celebrativa.

Ministérios

Uma Igreja amazônica que se faça verdadeiramente encarnada na história e assuma o rosto do seu povo deve repensar o exercício dos ministérios naquela região e repropor novos modelos. A rigor, tem-se ciência de que, dos mais de 400 mil sacerdotes no mundo, uma das menores parcelas de ministros ordenados católicos está no continente americano: cerca de 30%, segundo dados do *Anuário Pontifício*. A título de exemplo, no Brasil há 27.416 presbíteros e

“É momento de rever o modelo de ministro ordenado e esboçar um papel mais significativo da mulher na Igreja do Amazonas”



3.849 diáconos permanentes. Existe, ainda, irregular distribuição do clero no país. A maior parte está concentrada nas regiões Sul (25%) e Sudeste (45%), enquanto na região Norte, justamente onde está a parte brasileira da Pan-Amazônia, há apenas 3% do clero nacional. Esse fato implica uma parca assistência às comunidades e a privação de muitos fiéis do acesso à Eucaristia dominical.

A lamentável situação eclesial à qual os povos ribeirinhos e comunidades da Pan-Amazônia estão submetidos pela falta de clero exige, no Sínodo, uma resposta audaciosa. É momento de rever o modelo de ministro ordenado e esboçar um papel mais significativo da mulher na Igreja do Amazonas. Não se trata de oposição ao ministério ordenado celibatário, que é um dom e graça para a Igreja, como afirmou dom Erwin Kräutler (BALLOUSSIER, 2018), mas de repensar a privação eucarística que muitos vivem na Amazônia. Ao mesmo tempo, é necessário identificar o tipo de ministério que pode ser dado à mulher, levando em conta o papel central que desempenham nessa Igreja particular (DAMIAN, 2018). A Igreja amazônica, assim como toda a Igreja universal, não deve ficar refém de um modelo único de exercício do sacerdócio (a rigor, a Igreja é plural em formas de vida sacerdotal). Deve, desde a Amazônia e ouvindo o clamor do povo, abrir-se a outros modelos. Especial atenção merece a proposta de Fritz Lobinger, bispo emérito de Aliwal, África do Sul, de “equipes de anciãos”. Esses anciãos (homens e mulheres) não seriam clérigos, embora fossem sacramentalmente ordenados sacerdotes e serviriam a Eucaristia. A um padre animador celibatário caberia supervisionar (acompanhar) as várias equipes ministeriais. Com esse regime, talvez não se sanaria a questão ministerial, contudo se mitigaria a dificuldade de comunhão que muitos amazônidas enfrentam.

Globalização, gênero e construção da paz

O futuro do diálogo interfé

Kwok Pui-Lan



Na Conferência Madeleva, na Faculdade de Santa Maria (Notre Dame, EUA), de 2011, Kwok Pui-Lan, uma das mais proeminentes teólogas feministas pós-coloniais, discute o futuro do diálogo interfé. Ela mostra como a globalização impactou as relações e o diálogo inter-religiosos, demonstrando que o futuro do diálogo interfé deve incluir as vozes marginalizadas que não têm sido convidadas à mesa, especialmente as femininas. O livro é o resultado dessa conferência.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Ecologia

Outra senda de uma Igreja forjada com traços plenamente amazônicos é a inegociável defesa integral da natureza. A Igreja cresce à sombra da diversidade ecológica da Amazônia, respira e transpira a biodiversidade dessa região. Deve-se ter claro que a Pan-Amazônia, em todo seu conjunto, responde pela metade da biodiversidade mundial, goza da última floresta tropical, amalgama 15% da água doce no mundo e é a maior extensão florestal nos trópicos. A população que vive na região – da qual fazem parte muitos cristãos –, além de habitar o lugar, tem uma relação umbilical inextrincável com a terra, os rios, as matas e as florestas. A cosmovisão dos viventes autóctones é eivada por essa relação quase mística com o ambiente que povoam.

Essa relação espiritual, no entanto, é diuturnamente tomada de assalto, achacada e vilipendiada. Em toda a Pan-Amazônia há reiteradas investidas de grandes conglomerados industriais para explorar suas riquezas minerais e vegetais. Milhões de quilômetros da região amazônica estão cedidos à exploração de recursos minerais. Só na Amazônia, até 2020, prevê-se o fun-

cionamento de mais de duas dezenas de usinas hidrelétricas, às expensas do alagamento de áreas que deveriam ser protegidas e do remanejamento de famílias que, bem mais que terem uma terra, se sentem parte da terra que habitam. Soma-se a isso o desmatamento das florestas, que, somente na Amazônia Legal brasileira, segundo o Imazon, chegou a mais de 4 mil quilômetros no último ano. Não raro esse processo tem o assentimento dos próprios habitantes locais, que, cooptados por industriais e sob o engodo do discurso de bem-estar social, acampam as ideias subjacentes à prática exploratória e as promovem entre seus pares. Em face de tão complexo cenário, colocar-se sobre o pátio de defesa da biodiversidade é questão premente para a sociedade civil, e mais ainda para a Igreja.

Essa defesa da biodiversidade insere-se na clarividente certeza descrita pelo papa Francisco como ecologia integral (cf. LS 137). Ela repousa na plena convicção da inter-relação entre todos os organismos vivos, considerando o mundo todo como uma casa comum. Essa concepção concorre para a ideia de que a crise ambiental não é distinta da crise social (cf. LS

“A população que vive na região – da qual fazem parte muitos cristãos –, além de habitar o lugar, tem uma relação umbilical inextrincável com a terra, os rios, as matas e as florestas”



224 páginas

Atualização litúrgica 1

Associação dos Liturgistas do Brasil

Hoje, mais de 50 anos após o Concílio Ecumênico Vaticano II e a promulgação da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia, temos condições de fazer uma reflexão mais madura sobre o sentido e a identidade da liturgia assumida pelos padres conciliares, celebrada e vivida pelas comunidades em todo o mundo. Com esta publicação, a ASL e seus membros pretendem contribuir para uma liturgia autêntica, nobre e simples.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



137) e que somente uma visão holística da realidade possibilitará a resolução de tão complexa situação. Nesse espírito, ante a crescente devastação da Pan-Amazônia, a crítica ao modelo de desenvolvimento antropocentrista e capitalista aplicado à Amazônia deve ser protagonizada pela Igreja. Esta deve inserir, no micronível, em seus planos catequéticos, uma crítica a esse sistema de desenvolvimento, que oprime e mata. De igual modo, na formação do clero local, deveria incutir, via ementa de cursos de formação sacerdotal, uma sadia teologia da criação, que torne aguda a compreensão da inter-relação entre os sistemas naturais e sociais, dos quais o próprio ser humano é parte, e explicita que a destruição dessa inter-relação implica também a do ser humano. Ainda nessa perspectiva, a Igreja deve colocar-se em linha de frente para interpor objeções a acordos que primam apenas pela lucratividade, sem levar em consideração o bem-estar das populações frágeis que vivem à sombra e/ou às margens da região amazônica. Por fim, que a defesa da ecologia integral seja uma bandeira institucionalizada da Igreja universal e das Igrejas particulares da Amazônia, para que não seja refém de primaveras ou invernos eclesiais, mas permaneça uma prática contínua da Igreja.

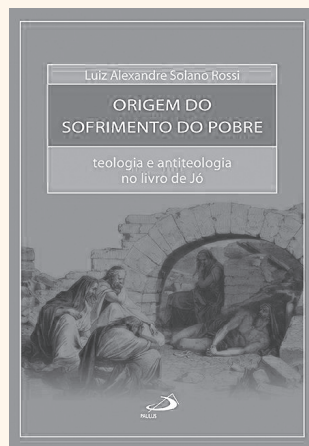
Ritualidade e liturgia

No espírito do olhar poético de Guimarães Rosa, uma terceira margem à qual a Igreja amazônica deve singrar, a fim de plasmar sua própria imagem, é o universo da ritualidade. Não sem razão, mirando a Pan-Amazônia, pode-se parafrasear o pensamento cartesiano e dizer que *ritus, ergo sum* (no rito, existo). Os povos autóctones, em geral, são afeitos a celebrações rituais. São ritos que as comunidades nativas preservam de maneira sistemática

Origem do sofrimento do pobre

Teologia e antiteologia no livro de Jó

Luiz Alexandre Solano Rossi



152 págs.

A humanidade está vivendo uma de suas maiores crises: o aumento da polarização entre ricos e pobres. Esse é o tema do livro de Luiz Alexandre Solano Rossi. Os ricos agradecem a Deus nos mais diversos altares como se a riqueza fosse uma recompensa divina. Mas nenhum sistema econômico que produz injustiça pode ser abençoado. A obra traz a experiência de Jó, que proclama que não há relação entre pecado e sofrimento, entre virtude e recompensa.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



e explícita, vivenciando-os e transmitindo-os às gerações mais novas. Comuns entre muitas tribos, em diversas aldeias e comunidades, são os ritos que secundam a gravidez e o nascituro, que marcam a entrada na puberdade ou na vida adulta, que acompanham a passagem da vida para a morte. São ritos que se traduzem em festas, em grandes comemorações religiosas e espirituais.

Em comunidades amazônicas mais moldadas pela mentalidade ocidentalizada, os ritos são vividos de maneira velada, talvez parcimoniosa. Nesses casos, bem mais que em cerimônias rituais, expressam-se no modo particular de entendimento do mundo e de relacionamento com ele. É uma cosmovisão peculiar. Constata-se que é uma percepção delineada pela atitude de sacralidade com relação à natureza, aos ancestrais e ao Criador. Essa condição ritual, a exemplo de todas as outras culturas, é algo superlativo na cultura amazônica. Trata-se de quesito do qual não se pode prescindir na tentativa de compreender tal universo, pois compõe, de maneira emblemática, o complexo mosaico dos povos da Pan-Amazônia.

Diante dessa constatação, parece irrefragável a necessidade de localizar a liturgia católica de rito latino – predominante na região amazônica – dentro dessa ritualidade e festividade intrínsecas ao universo amazônico. Não se nega que o rito latino seja ritual, mas deve-se admitir que ele advogue uma ritualidade que possa ser, à luz do “continente amazônico”, prenhe de tons afeitos ao gênio das culturas (cf. CELAM, Medellín, “liturgia”, n. 7b) e se expresse como coroa de compro-

misso com a realidade humana (cf. CELAM, Medellín, “liturgia”, n. 4). Assim, é um imperativo que o Sínodo possa abrir espaço, não de maneira excepcional, mas institucionalizada, para que cada vez mais, sobretudo no que diz respeito às línguas mais comuns, os livros litúrgicos sejam vertidos para o vernáculo. Certamente, com o *motu proprio Magnum Principium*, de Francisco, está sendo germinada essa ideia no que tange à tradução dos textos para as línguas usualmente faladas, contudo cabe insistir para que essa posição seja aplicada a todos os tomos litúrgicos que compõem os rituais católicos.

Ademais, cabe desvelar a necessidade de adaptações rituais à realidade de alguns atos litúrgicos. Não se trata apenas de concessões, mas de admissão de traços da cultura amazônica no universo celebrativo, de maneira institucional. Tais traços seriam apresentados em cantos, na apropriação justa de ritos, como os de apresentação de nascituros (benzimentos) ou de apresentação de dons (como o que ocorre no Dabucuri, cerimônia milenar que ocorre na região do alto rio Negro), ou na preparação do ambiente religioso. Deve-se, contudo, livrá-los de qualquer sincretismo, mas fundi-los no espírito da liturgia católica, que, a rigor, não prescinde da realidade concreta dos povos; antes, ao contrário, faz-se carne nelas (cf. EG 115; 167).

À guisa de exemplo, ao longo dos anos que vivi na região amazônica, percebi que alguns passos foram ensaiados. O bispo da Diocese de São Gabriel da Cachoeira, Edson Damian, entusiasta da cultura indígena, caminhando às apalpa-

“Não se trata apenas de concessões, mas de admissão de traços da cultura amazônica no universo celebrativo, de maneira institucional”



delas, buscava sendas para esse feliz casamento entre a fé e a cultura. Em sua ordenação episcopal, com a mitra e o báculo, recebeu o cocar e o bastão indígenas, signos do poder e do serviço religioso. Esse gesto, excetuando a entrega da mitra, ele repetia quando ordenava padres autóctones. De igual modo, nos ritos iniciais da missa de posse do bispo, ao som do caríçu (instrumento musical ritual dos indígenas), foi feita uma ambientação do espaço, com defumação e preces em língua nativa. Igualmente, no processo catequético, há um esforço para aproximar a dinâmica própria do Reino de valores da cultura indígena, normalmente muito próximos. De modo particular, em celebrações com grande afluência de fiéis, eu favorecia o canto de músicas em línguas nativas, danças rituais e a proclamação de leituras no vernáculo local. Talvez seja o Sínodo momento oportuno de abertura para nova reforma litúrgica que, desta vez, atinja de maneira explícita o coração da realidade amazônica. Atualmente, o bispo da Diocese do Alto Rio Negro anda às voltas com uma tradução do rito da missa para uma das línguas presentes na sua diocese, a fim de que seja aprovada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Oxalá o Sínodo Pan-Amazônico impulsione esse projeto.

Conclusão

Ao fim desta reflexão, recorda-se que a evangelização no horizonte amazônico já goza de um lastro histórico de mais de 300 anos. Muito embora o Sínodo possa ser avançado e assertivo em suas intuições, deve-se reconhecer que suas proposições ainda percorrerão lento caminho até serem decantadas e se tornarem límpidas na Igreja amazônica. Desse modo, as sugestões acima expostas são elucubrações entre a teoria e a prática que precisam

Deus e sua criação

Doutrina de Deus, doutrina da criação

Renold Blank

348 págs.



No centro desta obra, encontra-se uma doutrina de Deus que documenta, em estreita relação com a Bíblia e, principalmente, com Jesus de Nazaré, o interesse de Deus pelos seres humanos. Ao mesmo tempo, revela-se aqui um Deus criador, cuja atuação dinâmica pode ser percebida também contra o pano de fundo de intelectões científico-naturais da cosmologia, física quântica e teoria do caos. Dessa maneira, o autor aponta uma saída sólida do estreitamento no pensamento judeu-cristão sobre a criação, um estreitamento novamente atual.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



ser recepcionadas, acolhidas, avaliadas e redirecionadas até se tornarem suficientemente capazes de embeber a catolicidade da Igreja na cultura indígena.

A rigor, em termos eclesiais e na perspectiva de uma sinodalidade profunda, julgo que a assembleia dos bispos deste ano deixará grande legado se, verdadeiramente, permitir aos bispos locais a liberdade para ousar traçar caminhos, construir novas trilhas. Nesse espírito, caberia aos prelados da Pan-Amazônia,

com responsabilidade evangélica e devotado amor à Igreja, a missão de estabelecer, em suas realidades locais, aspectos ligados ao culto (liturgia), ao ministério (homens e mulheres) e à defesa da natureza, enquanto a Roma, como primeira entre iguais, competiria assentir e confirmar. Trata-se de ideal que beira à utopia; todavia, é ela que, como diria o poeta uruguaio Eduardo Galeano, serve de estímulo no horizonte para nos fazer caminhar. ●

Referências bibliográficas

- AMAZÔNIA: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral: Documento Preparatório (DP) do Sínodo dos Bispos para a Assembleia Especial para a Região Pan-Amazônica. *Boletim da Sala de Imprensa da Santa Sé*, Vaticano, 8 jun. 2018. Disponível em: <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/06/08/0422/00914.html#po>>. Acesso em: 9 ago. 2018.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia. Padres mais velhos puxam aumento de clérigos no país. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 maio 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/05/padres-mais-velhos-puxam-aumento-de-clerigos-no-pais.shtml>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA (CELAM). *Documentos do Celam*: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.
- DAMIAN, Edson Taschetto. Una Chiesa dal volto amazzonico. *Settimana News*, Bologna, 3 luglio 2018. Disponível em: <<http://www.settimananews.it/chiesa/chiesa-dal-volto-amazzonico/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- FONSECA, A. et al. *Boletim do desmatamento da Amazônia Legal (dezembro de 2017)*. Belém: Imazon, 2017.
- FRANCISCO. Ângelus. Vaticano, 15 out. 2017. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco_angelus_20171015.html>. Acesso em: 9 ago. 2018.
- LOBINGER, Fritz. *Padres para amanhã: proposta para comunidades sem eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2008.



160 páginas

Virgem Maria
Mãe em plenitude
Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus

Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus, fascinado pelo mistério da maternidade espiritual de Maria, viveu imerso na irradiação de sua presença. As orações e meditações que se agrupam neste volume nasceram de seu olhar contemplativo e filial, revelando o essencial da Virgem Maria e o lugar que ela ocupa na vida do cristão e da Igreja.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

A santidade no mundo de hoje: das distorções ao autêntico chamado de Deus



Lino Batista de Oliveira*

A santidade exige de cada um mais que conhecimento e vontade, pois, antes de tudo, é um chamado gratuito de Deus a, pela ação do seu Espírito, conformar nossa vida à de Cristo, que nos convida ao amor incondicional a Deus e ao próximo, especialmente aos sofredores: “tive fome e me destes de comer...” (Mt 25,35-36).

*Lino Batista de Oliveira é padre da Diocese de Apucarana, doutor em Filosofia (Ética) pela Universidade Santo Tomás (Roma, Itália); professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e do Seminário de Filosofia da Diocese de Apucarana (IFA); avaliador do MEC. E-mail: lino.batista326@gmail.com

Introdução

Na solenidade de São José, em 19 de março de 2018, o papa Francisco publicou a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (Alegrai-vos e Exultai – cf. Mt 5,12), uma reflexão a respeito da santidade nos tempos hodiernos. O objetivo do papa, segundo ele, é humilde: “[...] fazer ressoar mais uma vez o chamado à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades [...]” (FRANCISCO, 2018, n. 2).

Para enfrentar a discussão sobre a possibilidade da santidade no mundo de hoje e para ajudar na reflexão sobre o modelo de santidade em nossa sociedade, o papa inicia seu pensamento falando sobre o chamado à santidade. Destaca o papel dos que já são santos, que aparecem como encorajadores de novos santos e santas, e



lembra que santos não são somente os dos altares, pois a santidade é uma graça concedida a todos por iniciativa de Deus.

O papa faz referência a dois inimigos sutis da santidade em nosso tempo: o gnosticismo e o pelagianismo. O gnosticismo liga-se ao conhecimento como autossuficiência, isto é, à ideia de que é pelo conhecimento que o ser humano deve buscar a sua salvação. A pessoa se resume na imanência da sua subjetividade e dos seus sentimentos, tornando-se autorreferencial. Quanto ao pelagianismo, associa-se à ideia de atribuir à vontade do ser humano a causa de sua salvação, esquecendo que, antes de tudo, não há “eu me salvo”, mas sim “Deus me salva” – afinal, a salvação é de pura iniciativa divina.

O objetivo desta reflexão é retomar o primeiro e segundo capítulos da exortação papal e responder às inquietações sobre a concepção de santidade no mundo contemporâneo, principalmente no que diz respeito ao lugar que o ser humano e Deus ocupam na construção do ser santo. Qual é o papel de Deus e qual é o papel do ser humano? É com o fito de responder a essa questão que se refletirá sobre as distorções gnóstico-pelagianas e sobre a santidade como um chamado de Deus.

1. O chamado à santidade e suas distorções

O papa não mede esforços ao refletir sobre as concepções equivocadas acerca da santidade presentes em nosso mundo.

Concepções que não nasceram em nossos dias, mas já são conhecidas, ganhando apenas nova linguagem: gnosticismo e pelagianismo. “São duas heresias que surgiram nos primeiros séculos do cristianismo, mas continuam a ser de alarmante atualidade. Ainda hoje os corações de muitos cristãos, talvez inconscientemente, deixam-se seduzir por estas propostas enganadoras” (FRANCISCO, 2018, n. 35).

1.1. A distorção gnóstica

Gnósticas eram algumas correntes filosóficas que se difundiram, nos primeiros séculos depois de Cristo, no Oriente e no Ocidente. O gnosticismo foi uma primeira tentativa de filosofia cristã, feita sem rigor sistemático, com a mistura de elementos cristãos míticos, neoplatônicos e orientais. Em geral, para os gnósticos, o conhecimento era condição para a salvação. Os principais gnósticos dos quais temos notícia foram Basílides, Carpócrates, Valentim e Bardesane, cujas doutrinas eram conhecidas pelas refutações feitas por Clemente de Alexandria, Irineu e Hipólito (ABBAGNANO, 2000, p. 485). O gnosticismo foi combatido por uma série de Padres gregos e latinos, desde Santo Irineu, no século II, e seus contemporâneos até Agostinho de Hipona, na obra *A verdadeira religião* (389).

O papa, no segundo capítulo da exortação, estigmatiza o gnosticismo como um dos inimigos da santidade no mundo atual. Segundo ele, o gnosticismo é a autocelebração de “[...] uma mente sem encarna-



264 páginas

Maria: mulher de Deus e dos pobres

Releitura dos dogmas marianos
Clara Temporelli

Quem é Maria? Muito foi dito e escrito sobre ela. Mas será a verdadeira Maria a mesma da doutrina da fé? Que motivos há para que milhares de pessoas se reúnam em seus santuários para orar e experimentar o consolo e a ternura de Deus por meio dela? O propósito deste livro é resgatar a figura de Maria a partir de uma releitura dos dogmas marianos.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



ção, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada numa enciclopédia de abstrações” (FRANCISCO, 2018, n. 37). Trata-se de vaidosa superficialidade, que pretende reduzir o ensinamento de Jesus a uma lógica fria e dura que procura dominar tudo. Ao desencarnar o mistério, prefere “[...] um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo” (FRANCISCO, 2016, n. 11).

Além de alertar sobre um tipo de santidade baseada numa mente sem Deus e fria, o papa afirma ser o gnosticismo uma ideologia que quer convencer o ser humano de que a sua visão sobre o mundo é plena e perfeita. O gnóstico, “[...] ao mesmo tempo que exalta indevidamente o conhecimento ou uma determinada experiência, considera que a sua própria visão da realidade seja a perfeição” (FRANCISCO, 2018, n. 40). Trata-se da pessoa que, pela via do conhecimento, quer esgotar tudo e todos ao seu eu pensante, aprisionando a realidade aos conceitos. Como nos lembra Lévinas (1906-1995), em sua filosofia da alteridade, trata-se do pensamento do idêntico, que nega a diferença, o diferente, que quer dar ao todo uma única identidade, transformar toda realidade numa “mesmeidade”.

Assim como busca a redução do real ao racional no que se refere ao mundo das coisas, também o pretende fazer em relação ao mundo de Deus. Com efeito, o gnosticismo, “[...] por sua natureza, quer domesticar o mistério” (FRANCISCO, 2015, n. 11), tanto o do mundo como o do outro e o de Deus. No entanto, “Deus supera-nos infinitamente, é sempre uma surpresa, e não somos nós que determinamos a circunstância histórica em que o encontramos, já que não dependem de nós o tempo, nem o lugar, nem a modalidade do encontro” (FRANCISCO, 2018, n. 41).

Segundo o papa, alguém que arvore ter as respostas para todas as perguntas

que a realidade apresenta, também as sobre Deus, “[...] é possível que seja um falso profeta, que usa a religião para seu benefício, a serviço das próprias lucubrações psicológicas e mentais” (FRANCISCO, 2018, n. 41). A consequência direta, por se colocar como aquele que conhece e pode explicar Deus com lógica, é pensar que por isso já se é santo, perfeito e melhor do que a massa ignorante. Lembra-nos o papa que São Francisco preocupava-se com a ideia de que saber de Deus significava necessariamente ser de Deus – portanto, santo. Ensinou São Boaventura, diz-nos o pontífice, que “[...] a verdadeira sabedoria cristã não se deve desligar da misericórdia para com o próximo” (FRANCISCO, 2018, n. 46). Não é sendo somente intelectuais de Deus que seremos os seus santos. Esse é o maior equívoco do gnosticismo de ontem e de hoje.

1.2. A distorção pelagiana

Estágio importante na história do cristianismo, sobretudo no tratado da teologia da graça, foi a controvérsia pelagiana, resolvida com o Concílio de Cartago em 418 (BAUMGARTNER, 1982, p. 101-105). Pelágio, monge de origem irlandesa, asceta e diretor espiritual em Roma, ensinava que o ser humano podia cumprir os mandamentos de Deus por suas próprias forças, sem que para isso tivesse necessidade de um auxílio divino interior (AGOSTINHO, 1999, p. 199-317).

No século V, Pelágio havia debatido com Santo Agostinho sobre esse assunto. Agostinho sustentava que o pecado original de Adão fora herdado por toda a humanidade e que, mesmo que o homem caído retenha a habilidade para buscar a Deus por si mesmo, ele está escravizado ao pecado e não pode não pecar. Por sua vez, Pelágio insistia que a queda de Adão afetara apenas a Adão e que, se Deus exige das



peças que vivam vidas perfeitas, ele também dá a habilidade moral para que possam fazê-lo. Ademais, na concepção dos pelagianos, embora Adão fosse um mau exemplo para a sua descendência, suas ações não trariam consequências para ela, tendo Jesus o papel de dar um bom exemplo fixo para o resto da humanidade (contrariando assim o mau exemplo de Adão), bem como proporcionar a expiação dos seus pecados, e tendo a humanidade, em suma, total controle das suas ações.

As sentenças pronunciadas pelo papa Inocêncio I contra tal tese acabaram por classificá-la como heresia. Heresia que sustentava basicamente a ideia de que todo ser humano é totalmente responsável pela própria salvação e, portanto, não necessita da graça divina. Segundo os pelagianos, toda pessoa nasce moralmente neutra, sendo capaz, por si mesma, sem qualquer influência divina, de salvar-se quando assim o desejar.

No pelagianismo está presente a ideia de que tudo se pode pela vontade humana, como se esta fosse algo puro, perfeito, onipotente, a que se acrescenta a graça. A graça aparece como acréscimo à vontade humana. No fundo, como nos faz refletir a *Gaudete et Exsultate*, “a falta dum reconhecimento sincero, pesaroso e orante dos nossos limites é que impede a graça de atuar melhor em nós, pois não lhe deixa espaço para provocar aquele bem possível que se integra num caminho sincero e real de crescimento” (FRANCISCO, 2018, n. 50).

O que há é uma vontade sem humildade: “Com efeito, se não reconhecemos a nossa realidade concreta e limitada, não poderemos ver os passos reais e possíveis que o Senhor nos pede em cada momento, depois

de nos ter atraído e tornado idôneos com o seu dom” (FRANCISCO, 2018, n. 50).

O problema daqueles que caem no pelagianismo é o esquecimento dos ensinamentos da Igreja a respeito da justificação e do papel da graça: “A Igreja ensinou repetidamente que não somos justificados pelas nossas obras ou pelos nossos esforços, mas pela graça do Senhor que toma a iniciativa. Os Padres da Igreja, já antes de Santo Agostinho, expressavam com clareza esta convicção primária” (FRANCISCO, 2018, n. 52).

Os novos pelagianos que têm se apresentado em nossos dias são cristãos que insistem em trilhar outros caminhos:

[...] o da justificação pelas suas próprias forças, o da adoração da vontade humana e da própria capacidade, que se traduz numa autocomplacência egocêntrica e elitista, desprovida do verdadeiro amor. Manifesta-se em muitas atitudes aparentemente diferentes entre si: a obsessão pela lei, o fascínio de exibir conquistas sociais e políticas, a ostentação no cuidado da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, a vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, a atração pelas dinâmicas de autoajuda e realização autorreferencial (FRANCISCO, 2018, n. 57).

O pelagianismo assume hoje características modernas: o individualismo da cultura (“eu sei, eu quero, eu posso, eu consigo, eu faço!”); a autossuficiência liberal-capitalista; a ambição do progresso absoluto; a ênfase no sucesso a todo custo; a pretensão do poder e do controle da mente; o interesse pelos movimentos neognósticos, como o espiritismo; o planejamento controlado; a ética civil;

**“No pelagianismo
está presente
a ideia de que
tudo se pode pela
vontade humana,
como
se esta fosse
algo puro,
perfeito,
onipotente”**



a idolatria do mercado; o mercantilismo religioso. No campo eclesial e pastoral, fazem-se presentes: a moral do legalismo, do ritualismo e do juridicismo; expressões jansenistas de rigorismo; o carreirismo e o clericalismo eclesiásticos; devocionismos de tendência mágico-fundamentalista; o apelo fácil aos exorcismos; a satanização da vida; o apego às tradições e leis do passado; o hiperativismo; a confiança nos planos e projetos humanos, que fazem crer que a Igreja é resultado da ação humana (BINGEMER; FELLER, 2003, p. 48-56).

Para evitar isso, o papa nos lembra a existência de uma hierarquia das virtudes. Nessa hierarquia, a primazia pertence às virtudes teológicas, que têm Deus como objeto e motivo. E, no centro, está a caridade. Segundo o papa:

[...] no meio da densa selva de preceitos e prescrições, Jesus abre uma brecha que permite vislumbrar dois rostos: o do Pai e o do irmão. Não nos dá mais duas fórmulas ou dois preceitos; entrega-nos dois rostos, ou melhor, um só: o de Deus que se reflete em muitos, porque em cada irmão, especialmente no menor, frágil, inerte e necessitado, está presente a própria imagem de Deus. De fato, será com os descartados desta humanidade vulnerável que, no fim dos tempos, o Senhor plasmará a sua última obra de arte (FRANCISCO, 2018, n. 61).

2. Santidade: antes de tudo, um chamado de Deus

Quando se toma a Palavra de Deus, do Antigo ao Novo Testamento, ecoa de maneira constante o convite à santidade. No Antigo Testamento, no livro do Levítico, fala-nos Deus: “Pois eu sou o Senhor, o Deus de vocês; consagrem-se e sejam santos, porque eu sou santo. Não se tornem impuros com

Igreja Comunhão viva

Paul Lakeland



280 págs.

Os recentes livros premiados de Paul Lakeland sobre o lugar dos leigos na Igreja Católica Romana contemporânea o prepararam muito bem para assumir esta “eclesiologia desde baixo”. Lakeland debruça-se sobre as “marcas clássicas da Igreja”, mas sua atenção volta-se de modo especial para o que podemos aprender sobre a natureza da Igreja como comunhão viva, a partir do exame dos valores e práticas das pessoas de fé comuns.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



qualquer animal que se move rente ao chão. Eu sou o Senhor que os tirou da terra do Egito para ser o seu Deus; por isso, sejam santos, porque eu sou santo” (Lv 11,44-45). No Novo Testamento, em 1 Pedro, recorda-se o chamado a ser santo porque Deus é santo: “Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem, pois está escrito: ‘Sejam santos, porque eu sou santo’” (1Pd 1,15-16).

Quando se volta para a tradição da Igreja, já no século IV se verifica uma preocupação teológica em estabelecer o real lugar dos santos e santas de Deus. Teólogos como Santo Agostinho rejeitam a ideia de os santos poderem ser vistos como sucessores dos deuses ou como deuses independentes:

Eles [mártires] não são deuses: o Deus deles é o nosso Deus. É certo que veneramos as suas “memórias” como santos homens de Deus, que até a morte combateram pela verdade para fazerem conhecer a verdadeira religião, provando a falsidade, a mentira do paganismo (AGOSTINHO, 1991, p. 788).

Decorre do pensamento de Santo Agostinho a definição de quem são os santos e de qual o papel e a importância deles no serviço da Igreja.

É tratando os santos não como deuses, mas reservando-lhes um lugar bem definido na história da humanidade, que o Magistério eclesiástico afirma ser a santidade uma vocação universal dos batizados, conforme nos fala o Concílio Vaticano II, ao versar sobre a Igreja: “Todos na Igreja, quer pertençam à hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: ‘esta

é a vontade de Deus, a vossa santificação’ (1Ts 4,3; cf. Ef 1,4)” (LG 39).

É na esteira da história da salvação e da Igreja que o papa Francisco reflete sobre quem é chamado à santidade nos dias atuais. Em sua exortação apostólica sobre a santidade, no capítulo primeiro, sobre o chamado à santidade, o papa lembra o importante papel dos que já chegaram aos altares; daqueles que, já sendo santos, encorajam os que ainda estão a caminho. São os que já chegaram à presença de Deus e mantêm conosco laços de amor e comunhão (FRANCISCO, 2018, n. 4).

A santidade não se esgota naqueles que já foram beatificados e canonizados, pois o Espírito Santo de Deus sopra sem cessar e para todos os lados, derramando a graça da santidade. Sem barreiras, o Espírito vai suscitando os santos e santas de hoje, que se encontram, segundo o papa, não necessariamente em pessoas que vivem longe, mas naquelas que estão perto e são um reflexo da presença de Deus. Muitos são santos, e o são perto de nós, vivendo, trabalhando e partilhando a vida.

A santidade é um chamado do Senhor feito a cada um de maneira particular. Muitos são os caminhos através dos quais somos convidados a vivê-la. “Todos estamos chamados a ser testemunhas, mas há muitas formas existenciais de testemunho” (LG 11). Lembra-nos o papa:

[...] uma pessoa não deve desanimar, quando contempla modelos de santidade que lhe parecem inatingíveis. Há testemunhos que são úteis para nos estimular e motivar, mas não para procurarmos copiá-los, porque isso poderia até afastar-nos do caminho, único e específico, que o Senhor predispôs para

“A raiz de toda santidade está em Cristo, pois a missão do santo e da santa de Deus é a missão de Cristo”



nós. Importante é que cada crente discirna o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo [...] (FRANCISCO, 2018, n. 11).

O que não se pode desconsiderar é o fundamento da santidade, seja ela em qual modo de vida for escolhida para ser vivida. A raiz de toda santidade está em Cristo, pois a missão do santo e da santa de Deus é a missão de Cristo. No fundo, a santidade decorre da profunda união com Cristo e com o mistério da sua vida;

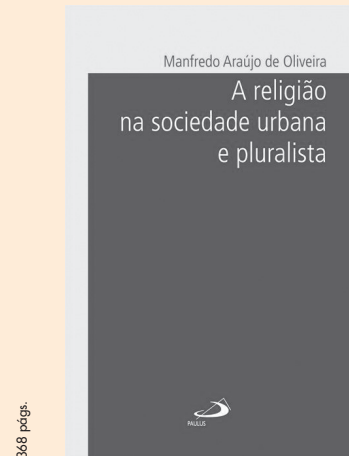
[...] consiste em associar-se duma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com ele. Mas pode também envolver a reprodução na própria existência de diferentes aspectos da vida terrena de Jesus: a vida oculta, a vida comunitária, a proximidade aos últimos, a pobreza e outras manifestações da sua doação por amor (FRANCISCO, 2018, n. 20).

O ser santo com Cristo, por Cristo e em Cristo remete-nos a uma vida de serviço que santifica. No entanto, um serviço movido pela ansiedade, pelo orgulho, pela necessidade de aparecer e dominar certamente não será santificador. Sendo assim, o desafio é viver de tal forma a própria doação, que os esforços tenham um sentido evangélico e nos identifiquem cada vez mais com Jesus Cristo. Afirma o papa: “Não é saudável amar o silêncio e esquivar-se do encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço” (FRANCISCO, 2018, n. 26).

Os santos de hoje nascem no mundo, pertencem a Cristo, vivem no mundo, não são do mundo, mas nele estão para a santificação do mundo. Assim nos instrui o

A religião na sociedade urbana e pluralista

Manfredo Araújo de Oliveira



Esse livro pretende, em primeiro lugar, apresentar o debate contemporâneo a respeito da presença e do papel da religião no contexto sociocultural da modernidade tardia em que o saber científico vive uma fase determinante. Num segundo momento, é enfrentada de forma introdutória a questão central, nesse contexto, de uma leitura do fenômeno religioso no horizonte de uma teoria sistemática sobre o ser em si mesmo e em seu todo, que é específico de uma reflexão filosófica e teológica.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



sucessor de Pedro: “Cada cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo” (FRANCISCO, 2018, n. 33).

Conclusão

A santidade que o papa propõe vai na contracorrente do intimismo gnosiológico e pelagiano. Segundo Francisco (2018, n. 63), ela parte de Jesus, que

[...] explicou, com toda a simplicidade, o que é ser santo; fê-lo quando nos deixou as bem-aventuranças (cf. Mt 5,3-12; Lc 6,20-23). Estas são como que o bilhete de identidade do cristão. Assim, se um de nós se questionar sobre “como fazer para chegar a ser um bom cristão”, a resposta é simples: é necessário fazer – cada qual a seu modo – aquilo que Jesus disse no sermão das bem-aventuranças. Nelas está delineado o rosto do Mestre, que

somos chamados a deixar transparecer no dia a dia da nossa vida.

O rosto do Mestre, que devemos deixar transparecer no dia a dia da vida para alcançar a santidade, passa pelo comportamento. Para ser santo, há uma regra de comportamento, como lembra o evangelho: “Tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo” (Mt 25,35-36; cf. FRANCISCO, 2018, n. 95).

Ser santo não significa revirar os olhos num suposto êxtase. Se partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-lo sobretudo no rosto daqueles com quem ele mesmo se quis identificar. Reconhecer Cristo nos pobres e atribulados revela-se o próprio coração de Cristo, os seus sentimentos e as suas opções mais profundas, aos quais se procura conformar todo santo. ●

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGOSTINHO. *A graça de Cristo e o pecado original*. São Paulo: Paulus, 1999. (Patrística, 12).
- _____. *Cidade de Deus*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991. v. 1.
- BAUMGARTNER, Ch. *La gracia de Cristo*. Barcelona: Herder, 1982.
- BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. Valência: Siquem; São Paulo: Paulinas, 2003.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- FRANCISCO. Carta ao Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica Argentina no centenário da Faculdade de Teologia (3 mar. 2015). *L'Osservatore Romano*, ed. portuguesa, 12 mar. 2015.
- _____. *Evangelii Gaudium: a alegria do evangelho*. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- _____. *Gaudete et Exsultate*. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. Tradução de Flávia Reginato. São Paulo: Paulinas, 2018.
- _____. Homilia da Missa na Casa de Santa Marta (11 nov. 2016). *L'Osservatore Romano*, ed. portuguesa, 17 nov. 2016.

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Irmã Rita Maria Gomes, nj, é natural do Ceará, onde fez seus estudos em Filosofia no Instituto Teológico e Pastoral do Ceará (Itep), atual Faculdade Católica de Fortaleza. Possui graduação, mestrado e doutorado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), onde lecionou Sagrada Escritura. Atualmente é professora na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). É membro do Instituto Religioso Nova Jerusalém, que tem como carisma o estudo e o ensino da Sagrada Escritura. E-mail: ritamarianj@gmail.com



Rita Gomes*

3º Domingo da Páscoa
5 de maio

Reconhecimento e testemunho do Ressuscitado

I. Introdução geral

No domingo anterior, nossa liturgia abordava a questão da identificação de Jesus ressuscitado como o mesmo que fora crucificado. A experiência de Tomé de tocar as chagas visava precisamente afirmar que o Crucificado e o Ressuscitado são “um e o mesmo”. Neste domingo, continuamos, em nossa celebração pascal, a reflexão a respeito do reconhecimento do Cristo ressuscitado. Agora o ponto de partida é a partilha de uma refeição de Jesus com seus discípulos, como atesta o evangelho deste dia. A primeira leitura traz o testemunho corajoso dos apóstolos diante do Sinédrio, testemunho esse que ecoa na exaltação do Senhor, presente na resposta do salmo, e se liga com a segunda leitura, que atesta a adoração da comunidade fiel ao seu Senhor.



II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 21,1-19):

Reconhecimento, partilha e missão

O evangelho deste domingo nos relata o encontro, à beira do lago, de Jesus com seus discípulos, com quem ele partilha uma refeição. Esse texto, chamado de “a pesca milagrosa”, é narrado por João no final de seu evangelho, distinguindo-se, assim, de Lucas, que o situa no início, no contexto do chamado dos primeiros discípulos. Para João, a pesca e a consequente partilha do alimento são expressões do reconhecimento do Ressuscitado como aquele que vivera com eles e fora crucificado. O crucificado e o ressuscitado são a mesmíssima pessoa. Essa é a experiência vivida que ilumina a mente e o coração dos discípulos. E isso não é tudo. Em João, à pesca e à consequente refeição segue-se o chamado de Pedro para apascentar as ovelhas do rebanho de Jesus. O texto conhecido como “primado de Pedro” nos sinópticos é, em João, um chamado a exercer uma missão, delegada a Pedro pelo Ressuscitado.

2. I leitura (At 5,27b-32.40b-41): Pedro lidera o rebanho do Senhor

A primeira leitura atesta o testemunho dos apóstolos a respeito de Cristo diante do Sinédrio. Eles anunciam seu mestre, sua vida e seus ensinamentos. O texto apresenta ainda a resistência ou incômodo que esse anúncio causa na classe dirigente da religião oficial. A razão da resistência é clara: os apóstolos não só anunciam o Cristo ressuscitado, mas também, junto a esse anúncio, denunciavam aquela mesma liderança por seu papel ativo no processo que desembocou na execução de seu mestre.

A responsabilidade das autoridades judaicas na morte de Jesus aparece duas ve-

zes no texto. A primeira delas, na boca do sumo sacerdote, como memória dessa acusação. A segunda, na boca dos apóstolos, tendo Pedro como destaque. O fato de que Pedro seja destacado nesse trecho se liga diretamente ao evangelho, que testemunha seu chamado a apascentar o rebanho do Senhor.

3. II leitura (Ap 5,11-14): A adoração do Senhor prestada pelo rebanho

A segunda leitura, tirada do Apocalipse, está intimamente ligada à primeira e ao evangelho. Ela traz o testemunho celeste do Cristo. São os anjos e os santos, no céu, que reconhecem, exaltam e louvam o Cristo, a exemplo do que fizeram os discípulos, na terra, diante do Sinédrio. O rebanho do Senhor que fora confiado aos apóstolos, tendo Pedro como líder desse grupo, agora louva seu Senhor e pastor nas alturas celestes.

III. Pistas para reflexão

Uma primeira consideração a ser tecida relaciona-se com a questão do reconhecimento do Ressuscitado como o mesmo que fora crucificado. A melhor forma de atestar que o Ressuscitado não era um mito, uma invenção ou qualquer outro subterfúgio dos discípulos era reconhecê-lo como o mestre com quem conviveram.

Aquele que aparecia diante deles não era uma ilusão ou um fantasma, por isso ele come com os discípulos, como fizera muitas vezes antes de sua morte. Esse texto, contudo, não fala apenas do Cristo: diz algo também sobre os cristãos. Estes serão reconhecidos pela partilha do pão, ou seja, pela comensalidade repetida em cada liturgia eucarística. Assim, o texto não testemunha apenas o Ressuscitado, mas, por antecipação, também os cristãos.



Uma segunda consideração nos leva a entender que essa experiência de encontro com o Ressuscitado permite aos discípulos a ousadia e a coragem de anunciar o Cristo e de testemunhar seus ensinamentos, ainda que sob o risco de serem presos e torturados. Com isso, alerta os cristãos de todos os tempos de que seguir a Cristo e anunciá-lo comporta o risco do incômodo das estruturas injustas há muito estabelecidas. A incompreensão e a perseguição podem fazer e fazem, de tempos em tempos, parte da “herança” dos seguidores do Cristo. Enfim, somos chamados, como Igreja, a unir nossa voz à dos anjos e santos num canto de louvor ao nosso Senhor e salvador.

4º Domingo da Páscoa
12 de maio

A constituição do rebanho do Senhor

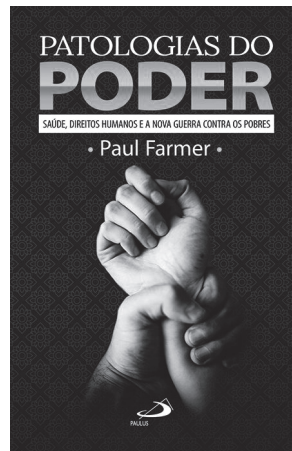
I. Introdução geral

No domingo anterior, o evangelho apresentou a experiência do reconhecimento do Ressuscitado como o mesmo que fora crucificado, a exemplo do que ocorrera no domingo precedente, não permitindo assim um desvirtuamento da pessoa de Cristo. Neste 4º domingo da Páscoa, o tema do reconhecimento aparece, mas de modo diferente, menos central. Somos chamados a refletir não sobre a identidade do pastor, mas, sobretudo, sobre a identidade das ovelhas ou, simplesmente, do rebanho – embora a dinâmica de todas as leituras e também do salmo nos faça perceber algo sobre a identidade de ambos: pastor e rebanho.

Patologias do poder

Saúde, direitos humanos e a nova guerra contra os pobres

Paul Farmer



504 págs.

Este livro é o esforço de um médico antropólogo para revelar caminhos nos quais o direito mais básico – o direito de sobreviver – é atropelado em uma era de grande riqueza, provando que esse assunto deve ser considerado o mais urgente dos nossos tempos. O drama e a tragédia dos doentes desamparados preocupam não apenas os médicos e estudiosos que trabalham entre os pobres, mas todos os que professam algum interesse pelos direitos humanos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 10,27-30):

O pastor conhece suas ovelhas

No evangelho deste dia, a primeira coisa que o texto nos traz serve de critério para a identificação das ovelhas desse rebanho particular: elas escutam a voz do pastor e o seguem. O texto diz algo também do pastor: ele conhece as ovelhas e lhes dá a vida – não qualquer uma, mas a vida eterna. Isso não é tudo. Do conhecimento do pastor em relação às ovelhas e do reconhecimento da voz do pastor por parte delas, decorre a compreensão de que elas nunca se perderão, não se extraviarão, nem ninguém poderá roubá-las, tomá-las de seu pastor.

O evangelho ainda assegura a posse das ovelhas por parte de alguém maior. Elas foram dadas pelo Pai e ninguém pode arrancá-las da mão dele. De algum modo, as ovelhas pertencem ainda ao Pai, são do Pai e do Filho, porque eles são UM. Não existe posseção de bens de um e de outro, mas uma única posse do Pai e do Filho, como bem lembrou Lucas na parábola do pai misericordioso, quando este se dirige ao filho mais velho e diz: “Tu estás sempre comigo e tudo que é meu é teu” (Lc 15,31). A unidade da qual fala o texto é a garantia de que as ovelhas que permanecem com o pastor, que é o Filho, permanecem na posse do Pai.

2. I leitura (At 13,14.43-52):

O testemunho na sinagoga

Na primeira leitura, temos o testemunho de Paulo e Barnabé na sinagoga de Antioquia da Pisídia. Como bem indica o texto, era um dia de sábado, sagrado para os judeus. Num primeiro momento, a atuação deles parece bem discreta, mas na sequência se percebe uma mudança radical, apontada no tex-

to pela indicação: “No sábado seguinte, toda a cidade se reuniu para ouvir a Palavra de Deus” (v. 44).

No entanto, os judeus, a quem primeiro se dirigiram os apóstolos, não acolheram o ensinamento, porque ficaram tomados de inveja quando viram a multidão que os ouvia anunciar. Diante da rejeição, os apóstolos se dirigem aos pagãos, que acolhem sua mensagem com muita alegria. Do anúncio de salvação em Cristo, testemunhado por Paulo e Barnabé, decorrem duas posturas: rejeição por parte dos judeus e alegre acolhida por parte dos gentios. Os que acolhem são aqueles que ouvem a Palavra de Deus, reconhecem a “voz” do pastor na palavra pregada.

3. II leitura (Ap 7,9.14b-17):

O rebanho reunido junto ao seu pastor

Na segunda leitura, encontramos novamente a questão do rebanho e do pastor. No entanto, a afirmação primeira se refere ao rebanho, às ovelhas que “lavarão e alvejarão suas vestes no sangue do Cordeiro” (v. 14b), ou seja, àqueles que se ligaram existencialmente ao Cristo-cordeiro, o Crucificado. Por outro lado, a leitura fala da identidade do “pastor” como o Cordeiro. A imagem diz muito. O pastor das ovelhas, ou seja, do rebanho, é como um deles, é o Cordeiro. O pastor participa, de algum modo, da mesma condição de vida das ovelhas, o que permite não só o reconhecimento mútuo, mas também a confiança decorrente desse conhecimento.

III. Pistas para reflexão

Esta celebração, nas suas três leituras, fala ao mesmo tempo da identidade do pastor e da identidade das ovelhas ou do rebanho, bem como da ligação entre pastor e rebanho. O fio que os une é a escuta



ou o ouvir, para ser mais fiel ao texto. Ouvir é o mandamento por excelência do povo de Israel e, no evangelho, aparece como o critério de reconhecimento: as ovelhas escutam a voz do pastor e, porque escutam, ele as conhece.

Na primeira leitura, novamente a escuta aparece como critério identificador, à diferença de que, ali, aqueles que têm por mandamento o “ouve, Israel” se recusam a ouvir a Palavra de Deus anunciada, enquanto os gentios, de quem não se exige tal conduta, a ouvem. Essa dinâmica de escuta e reconhecimento se completa na segunda leitura, que traz a imagem da recompensa dada àqueles que ouviram a voz do pastor e o seguiram. O Pastor-Cordeiro é o Cristo, divino-humano e, por isso, salvador desse rebanho.

A imagem do Cordeiro-Pastor nos diz muito sobre Jesus Cristo e sobre nós mesmos. É a perfeita imagem da relação única de Cristo com a humanidade. O nosso pastor não é alguém distinto de nós, mas alguém como nós. Ele participa da nossa condição e sabe para quais pastagens nos conduzir, a fim de chegarmos em segurança ao redil de Deus.

5º Domingo da Páscoa
19 de maio

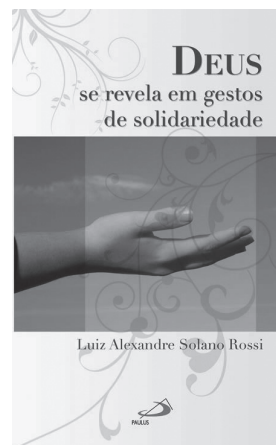
Eles serão o seu povo!

I. Introdução geral

A liturgia do domingo passado nos convidava a pensar a identidade do rebanho do Pastor-Cordeiro, e a deste dia nos convoca para lançarmos mais profundamente o olhar para a ação de Deus na vida do Cristo, dos apóstolos e de todos nós, cristãos. As leituras nos levam a perceber

Deus se revela em gestos de solidariedade

Luiz Alexandre Solano Rossi



112 págs.

O livro compõe-se de quatro unidades. Na primeira, o autor discorre sobre os fatos da história do povo no Antigo Testamento: “Deus na história”. Na segunda, com o título “Deus na vocação”, o livro reflete sobre a vocação de Abraão como exemplo de fé, que acreditou mesmo contra toda esperança. A terceira traz o exemplo de solidariedade de Rute: “Deus se revela nos gestos de solidariedade”. A quarta tem como tema “Deus na espiritualidade”.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Deus agindo e conduzindo-nos a ele, para sua maior honra e glória. E esse louvor aparece na boca do salmista, ao dizer que o seu louvor a Deus será eterno.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 13,31-33a.34-35): Amar, critério de reconhecimento do discipulado

O evangelho desta celebração tem uma aparência sapiencial em algumas de suas construções. Ele começa pela indicação da saída de Judas do cenáculo, referência velada à traição desse discípulo ao, até então, seu mestre. Até esse momento, não há nada de novo ou de intrigante. A sequência do texto, porém, traz uma mudança na expressão e no conteúdo.

A fala de Jesus parece um enigma. O texto é construído com base nestas palavras: glorificar, Filho do homem e Deus. A primeira frase está construída com o tempo passado, e a segunda com o futuro. O tema da glória, no Evangelho de João, ocupa praticamente toda a segunda parte e indica que, para o evangelista, a glorificação é uma exaltação “às avessas”, pois remete à paixão do Cristo.

A frase no passado indica que o primeiro ato – no caso, a traição de Judas – já iniciou o processo de glorificação do Filho do homem e, nele, a do próprio Deus que o enviou. A segunda, no futuro, aponta para o ápice dessa glorificação, que ainda será narrada: a cruz. Novamente, a glorificação do Filho é também a de Deus. Deus e seu enviado estão juntos no momento da exaltação na cruz.

O texto continua e mostra que o Senhor, sabendo que lhe resta pouco tempo com os seus, se despede deles, deixando a seus filhinhos uma “herança espiritual”: o novo mandamento do amor. O amor com que eles deverão

amar-se está alicerçado no amor com que o Cristo os amou, e esse amor será também o critério para que se saiba que eles são discípulos de Cristo.

2. I leitura (At 14,21b-27): Permanecer firme na fé abraçada

A primeira leitura nos traz um relato, aparentemente apressado, da missão de Paulo e Barnabé. Esse é o trecho final da primeira missão deles. Com isso, continuamos a acompanhar o trabalho missionário dos apóstolos, especialmente de Paulo e Barnabé. Nessa leitura são mencionadas pelo menos sete cidades ou regiões.

No caminho, os apóstolos exortam os discípulos a permanecer firmes na fé. Essa exortação, porém, está ancorada na afirmação: “É preciso que passemos por muitos sofrimentos para entrar no Reino de Deus” (v. 22). Tal afirmação só tem sentido se nos remetemos à paixão de Cristo. Os discípulos seguem o seu Senhor, cujo caminho foi de cruz. Sua glorificação foi a exaltação na cruz. O discípulo deve entender que sua vida não será diferente.

Ao final, encontramos a “prestação de contas” da missão, com a nota de que tudo que fizeram, na verdade, foi Deus que fez por meio deles. E junto ao “tudo que Deus fizera” está a abertura da porta da fé aos pagãos (cf. v. 27).

3. II leitura (Ap 21,1-5a): Eis que faço novas todas as coisas!

A segunda leitura, tirada do livro do Apocalipse, traz a visão da nova Jerusalém que vem de junto de Deus. Segundo a leitura, a primeira coisa que João vê é “um novo céu e uma nova terra. Pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe” (v. 1). Essa afirmação só tem sentido com o conhecimento do imaginário do mundo anti-



go, que concebia a criação como domínio do caos primordial, sendo o mar a imagem desse caos, que ameaçava constantemente a criação.

Ao dizer que “o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe”, o autor anuncia uma realidade totalmente nova, que vem diretamente de Deus e, por isso mesmo, é a realidade definitiva. Nada mais deve nos amedrontar.

E a imagem continua: “Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, vestida qual esposa enfeitada para seu marido” (v. 2). A imagem diz muito. Lembra o esplendor de uma festa de bodas. “Esta é a morada de Deus entre os homens” (v. 3): a nova Jerusalém representa a comunhão plena com Deus. Por isso, já não há espaço para dor, sofrimento, lágrimas, pois estas são realidades antigas, fazem parte de um passado imperfeito.

III. Pistas para reflexão

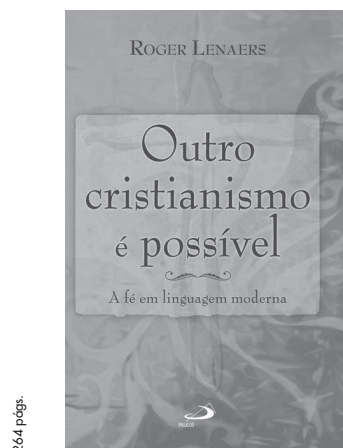
O vínculo entre as leituras desta celebração não é facilmente detectável, mas é de uma profundidade impressionante. O sofrimento, a perseguição, a incompreensão e, por vezes, a morte são aquilo que liga o Cristo, crucificado e ressuscitado, com seus discípulos na continuação de sua missão. Mas a “paixão” que une o Mestre aos discípulos pela fidelidade a Deus é vista como “glorificação”, exaltação e motivo de alegria.

Essa íntima relação do Mestre com os discípulos se faz perceber também, conquanto seja uma “coincidência litúrgica”, no fato de que a primeira coisa que os apóstolos fazem, na primeira leitura, é exortar à permanência na fé (cf. v. 22). “Permanecer” é verbo caro ao evangelista João, utilizado para falar da relação de intimidade que se estabelece com o Mestre e também com Deus Pai.

Outro cristianismo é possível

A fé em linguagem moderna

Roger Lenaers



264 págs.

O ser humano descobriu a autonomia do universo e, com isso, sua própria autonomia. A doutrina da fé em seu conjunto, construída sobre o axioma da heteronomia, perdeu sua validade. Não a perdeu, no entanto, a própria mensagem da fé, que reflete a experiência histórica de Israel em contato com a camada mais profunda da realidade. Para quem vive na modernidade, essa transmissão só fará sentido na linguagem da teonomia. Eis o fundamento da necessidade e justiça deste livro, uma tentativa de formular a mesma mensagem, só que na linguagem de hoje.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



A permanência na fé uma vez abraçada tem sua recompensa. Ainda que não seja esse o motivo da sua fidelidade, aqueles que perseverarem gozarão a plenitude da vida, expressa aqui na visão da nova Jerusalém, a realidade totalmente nova que vem de junto de Deus. É a essa realidade nova que devemos aspirar.

6º DOMINGO DA PÁSCOA
26 de maio

O Espírito Santo ensinará todas as coisas

I. Introdução geral

Nos domingos anteriores, contemplamos a presença do Ressuscitado no meio de seus seguidores, contemporâneos e atuais. Tratou-se de um momento privilegiado de alegre encontro com o Mestre e também de fortalecimento de seus ensinamentos. Agora, o Ressuscitado prepara os seus para nova forma de presença na ausência. Ele se despede de seus seguidores. É esse momento específico que somos chamados a vivenciar, na fé, nesta celebração do 6º domingo da Páscoa.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 14,23-29): Não se perturbe o vosso coração!

No evangelho deste dia, Jesus fala a seus discípulos algo um tanto intrigante para nossas mentes modernas: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu pai o amará, e nós viremos e faremos nele a nossa morada” (v. 23).

Separemos as afirmações para melhor compreender a mensagem. Nessa frase, a afirmação principal é a última: a promessa de que o Pai e Jesus permanecerão/morarão na pessoa. Essa promessa está condicionada ao amor que a pessoa tenha a Jesus e à acolhida de sua palavra. Essa palavra de Jesus é a palavra do Pai, que o enviou. Parece contraditório: ora a palavra é de Jesus, ora é do Pai. Como entender isso? A compreensão de que a palavra de Jesus seja também a palavra do Pai se sustenta em outra afirmação joanina célebre: “Eu e o Pai somos UM” (Jo 10,30).

Na sequência, Jesus ressuscitado recorda aos discípulos que nada disso lhes é novo, porque ele mesmo já tinha falado quando estava com eles (v. 25) – clara referência ao tempo de seu ministério público. Como se isso fosse pouco, o Senhor promete o Paráclito, o Defensor, que ensinará tudo, mas também recordará todo o ensinamento dado antes por ele.

Antes de ir-se, Jesus deseja a paz, que nada tem que ver com a *pax romana*, “a paz que o mundo dá” (cf. v. 27), imposta pela força esmagadora de um exército forte, poderoso e assustador. Jesus ressuscitado consola os seus: “Não se perturbe nem se intimide o vosso coração” (v. 27); ou seja, não sofram, mas alegrem-se por mim, porque vou para junto do Pai. O texto termina com uma promessa: “Vou, mas voltarei a vós!” (v. 28).

2. I leitura (At 15,1-2.22-29): A nova condição dos membros do povo de Deus

A primeira leitura nos traz o motivo da realização da “assembleia de Jerusalém” (cf. At 15,3-21) e o seu resultado: a decisão de enviar representantes da Igreja de Jerusalém, com Paulo e Barnabé, a Antioquia. A questão geradora da necessidade



de uma viagem a Jerusalém foi o ensinamento de alguns membros dessa Igreja a respeito da circuncisão. Os “vindos da Judeia” podem legitimamente ser chamados de “judaizantes”, porque ensinavam que era condição de salvação para os cristãos antioquenos, vindos da gentildade, fazer-se circuncidar.

A circuncisão era exigência feita a todo e qualquer pagão que se convertesse ao judaísmo, e os “vindos da Judeia” queriam impor essa mesma condição aos irmãos procedentes da gentildade que se propusessem aderir à nova fé. Se assim fosse, antes de assumir a fé cristã, seria necessário fazer-se judeu. Paulo e Barnabé, com toda razão, não aceitaram tal ensinamento, por ser desprovido de sentido. Esse tema foi amplamente discutido, e o resultado foi que a Igreja, representada na assembleia, não só acolheu a “liberdade paulina” relativamente a essa questão, mas também enviou seus próprios representantes para confirmar o ensinamento de Paulo e Barnabé, pois, do contrário, a condição para tornar-se cristão seria tornar-se antes um judeu. Isso aponta para o processo de distinção do grupo cristão em relação ao grupo judeu.

A decisão da assembleia de Jerusalém não é, porém, uma decisão puramente humana; é também divina, e isso se expressa no texto pela frase: “Porque decidimos, o Espírito Santo e nós...” (v. 28).

3. II leitura (Ap 21,10-14.22-23): O novo povo de Deus

A segunda leitura nos traz a descrição da nova Jerusalém, que desce de junto de Deus e brilha com sua glória. Essa cidade tem coisas muito especiais que chamam a atenção: a ausência de templo e a não necessidade de sol.

Teologia da ternura Um “evangelho” a descobrir

Carlo Rochetta

528 págs.



Em âmbito teológico, não é comum refletir sobre o mandamento novo numa ótica de ternura. Todavia, uma reflexão desse gênero é fundamental se se deseja que a Igreja se apresente ao mundo como o sacramento da ternura de Deus, de um Deus de bondade e de graça, e não um Deus de medo e punição. Não é possível falar de ternura sem discutir, como Igreja e como indivíduos, a presença entre os mais pobres. A teologia da ternura proclama à comunidade dos crentes que, sem o Evangelho da ternura, não se cumpre plenamente o Evangelho do amor, deixado por Jesus, e não se consegue fazer aos seres humanos o anúncio alegre da graça.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



O templo é o lugar natural do encontro das pessoas com Deus, mas, nessa cidade, já não existe distância entre Deus e o ser humano e, portanto, não existe a necessidade de um lugar de aproximação. A comunhão está estabelecida.

Essa cidade também não necessita dos astros criados para presidir o dia e a noite (cf. Gn 1,14-19), pois o próprio Deus e o Cordeiro iluminam tudo. E mais: essa cidade tem uma muralha, tem por alicerce os apóstolos e tem portas nas quais estão inscritos os nomes das tribos de Israel. Isso revela que o povo de Deus que habitará a nova Jerusalém, os cristãos, vem de ambas as tradições religiosas e se compõe de judeus e gentios.

III. Pistas para reflexão

As leituras desta celebração nos conduzem ao reconhecimento da identidade dos cristãos, o novo povo de Deus. Esse reconhecimento é dom do Espírito e nos chega progressivamente.

No evangelho, o Senhor promete que o Pai enviará o Espírito e este nos ensinará todas as coisas. A primeira leitura atesta um momento crucial, no qual o Espírito Santo ensina algo fundamental sobre a salvação dos cristãos e, consequentemente, sobre sua identidade: a não necessidade de circuncisão para a salvação. A segunda leitura ratifica, de certo modo, esse ensinamento do Espírito Santo quando atesta a composição dos cristãos na imagem das portas e alicerces da cidade: as doze tribos de Israel e os apóstolos.

Os cristãos – portanto, a Igreja – têm como fundamento os apóstolos, mas seus membros vêm do judaísmo e da gentilidade e formam um único povo de Deus, habitando uma cidade que não tem outro templo ou luz que não seja o próprio Deus e o Cordeiro.

Ascensão do Senhor

2 de junho

A exaltação da humanidade na elevação do Cristo

I. Introdução geral

A celebração de hoje foi preparada pelos domingos precedentes e, particularmente, pela celebração do domingo passado, na qual o Senhor se despede dos seus, preparando-os para o momento especial que agora celebramos: sua ida/volta ao Pai. A resposta do salmo de hoje soa como um convite à alegria pela elevação do Senhor, pelo lugar que ocupa à direita do Pai nos céus, como nos diz o trecho da carta aos Efésios escolhido para esta liturgia. O evangelho e a primeira leitura nos convidam a refletir sobre o significado da elevação do Senhor e a contemplar o grande gesto de amor de Deus por nós.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho (Lc 24,46-53):

A elevação do Senhor fora da cidade santa, Jerusalém

O trecho que lemos no evangelho de hoje não deixa claro o lugar onde se encontram Jesus e os discípulos, mas a leitura do trecho anterior nos permite identificar. Eles estavam reunidos em Jerusalém, e isso nos alerta para o fato de que o relato sobre o qual somos chamados a refletir se passa em dois ambientes distintos. No início e no final, o grupo se encontra em Jerusalém, depois



de uma incursão fora desta cidade “até perto de Betânia”.

Jerusalém tem grande importância para o evangelista, tanto que o evangelho da infância começa ali, mais precisamente no Templo; ademais, a seção central de seu evangelho está ambientada no caminho para Jerusalém e é seguida da última seção, que se dá naquela cidade; e o texto sobre o qual agora refletimos se conclui com uma referência ao Templo de Jerusalém. Tudo converge para a cidade santa e, especificamente nesse trecho, Lucas dá a conhecer uma orientação de Jesus ressuscitado aos seus discípulos. Nela, Jesus faz memória de sua paixão e ressurreição e diz que, em seu nome, a conversão e o perdão dos pecados seriam anunciados a todas as nações, começando por Jerusalém (cf. v.47).

Os discípulos serão as testemunhas autorizadas de Jesus, mas para isso eles contarão com a força do alto, aquele que fora prometido pelo Pai. É em vista desse envio que Jesus lhes ordena permanecer na cidade, ou seja, em Jerusalém. Porém, em seguida, ele os conduz para fora (CF. v.50) – entenda-se “de Jerusalém”. É num lugar afastado que Jesus se despede dos seus, e não em Jerusalém.

O relato é muito discreto e simples. Jesus abençoa seus discípulos e, enquanto faz isso, afasta-se deles e é levado para o céu. Não há nada de extraordinário nesse relato, a não ser a ausência, nos discípulos, de qualquer sentimento de tristeza ou de resistência pela separação do mestre. Depois da adoração ao Senhor, enquanto era elevado, eles voltam alegres para Jerusalém e bendizem a Deus continuamente no Templo.

Migrações, refúgio e comunidade cristã

Carmem Lussi e Roberto Marinucci (orgs.)



Migrações, refúgio e comunidade cristã

Reflexões pastorais para a formação de agentes

Carmem Lussi e Roberto Marinucci (Orgs.)

176 págs.

Este livro traz treze artigos de especialistas em teologia pastoral e mobilidade humana. Foi organizado pensando, especialmente, em leitores que atuam ou gostariam de atuar em contexto eclesial para/ com ou junto a migrantes e/ ou refugiados. São reflexões e ideias sobre temas relacionados à vivência e ao serviço pastoral que desafiam agentes pastorais, lideranças eclesiais e migrantes/refugiados, a partir de uma visão da mobilidade humana como processo positivo e propositivo, seja para a humanidade em geral, seja para a Igreja, em particular.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



2. I leitura (At 1,1-11): Jesus é elevado, mas voltará!

A primeira leitura é literalmente a continuação do texto do evangelho, uma vez que inicia a segunda parte da obra lucana. Começa exatamente retomando e resumindo o anúncio de Jesus testemunhado no Evangelho de Lucas, “até o dia em que foi elevado para o céu, depois de ter dado instruções pelo Espírito Santo aos apóstolos” (v. 2). Retoma, a título de memória, as informações sobre as aparições do Ressuscitado e a ordem de não se afastarem de Jerusalém, mas esperarem o cumprimento da promessa do Pai de que eles seriam “batizados com o Espírito Santo” (v. 5).

A sequência do texto revela que os discípulos ainda não tinham compreendido completamente o ensinamento e a missão de Jesus, pois perguntam: “Senhor, é agora que vais restaurar o Reino em Israel?” (v. 6). Esse questionamento mostra que os discípulos ainda pensavam o messianismo de Jesus na perspectiva da restauração do reino terreno, de uma independência política para o povo de Israel. A paixão e a ressurreição do Cristo não foram suficientes para modificar as expectativas messiânicas tão enraizadas em suas mentes e corações.

Por isso, Jesus responde que não lhes cabe saber os tempos e os momentos determinados pelo Pai e acrescenta: “Mas recebereis o poder do Espírito Santo [...] para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e na Samaria”. Jesus muda o foco da questão, chamando-lhes a atenção para a missão de testemunhá-lo e prometendo-lhes que receberão para isso a força do Espírito. Eles serão atendidos, suportados pelo poder do Espírito. Logo depois disso, Jesus é elevado “à vista

deles” (v. 9). Isso quer dizer que eles viram o Senhor sendo elevado.

Pelo fato de os apóstolos continuarem olhando para o céu, enquanto Jesus subia, “dois homens vestidos de branco” (v. 10), ou seja, dois anjos, chamam a atenção deles: “por que ficais aí, parados, olhando para o céu?” (v. 11). Esse questionamento indica que é tempo de pôr as mãos à obra, trabalhar, anunciar o Senhor, enfim, testemunhar. E o texto se conclui com uma promessa: Jesus vai voltar! (cf. v. 11). O que aqui dizem os anjos, Jesus dissera no evangelho da liturgia do domingo passado (cf. Jo 14,23-29).

3. II leitura (Ef 1,17-23): Jesus sentado à direita do Pai exerce seu poder soberano em favor da humanidade

A segunda leitura, tirada da carta aos Efésios, amplia nossa compreensão do evangelho e da primeira leitura. Como vimos, os relatos sobre a elevação do Senhor, razão de ser da celebração de hoje, são muito sóbrios. Não existem detalhes sobre o fato, apenas se informa que o Senhor foi elevado e que os discípulos viam essa elevação acontecendo gradualmente. Jesus se afastou, indo em direção ao céu, e nada mais.

Esse trecho da carta aos Efésios traz uma reflexão sobre o lugar que o Cristo, uma vez ressuscitado, ocupa nos céus e ressalta que o exercício de seu poder se dá em favor dos que creem. Tudo foi colocado “sob seus pés” (v. 22), ou seja, está sob seu domínio como o Senhor soberano que é. Tudo isso é projeto de Deus para nós por meio de Jesus Cristo.

A ligação indestrutível do Cristo com o resto da humanidade por sua en-



carnação se revela agora em sua elevação, quando a íntima união é expressa pela imagem do Cristo Cabeça da Igreja. Somos um com Cristo por sua encarnação e elevação. Somos seu corpo e ele a Cabeça que rege e governa todo o corpo.

III. Pistas para reflexão

O sentido da celebração de hoje encontra-se nessa relação indestrutível que se estabelece entre Deus e a humanidade na pessoa do Filho. Ele é a chave de acesso ao Pai. A pergunta que fica quando lemos esses textos é: que significa a ascensão do Senhor? Diz respeito somente a Jesus e sua condição de Filho de Deus? Representa somente o seu retorno para junto de Deus para assumir “seu lugar” de Filho no seio da Trindade?

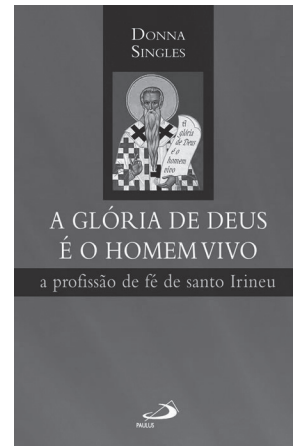
A resposta a essas duas últimas questões é não. Os textos não se referem somente a Jesus, mas dizem respeito também a nós e ao nosso destino último. Todas as leituras fazem referência a Jesus desde seu ministério público, passando por sua paixão e ressurreição, até chegar a esse momento de elevação, e toda a sua vida narrada nos textos sagrados tem relação conosco.

Uma vez que assumiu a condição humana pecadora e, por solidariedade, se fez pecado por nós ele, ao assumir seu lugar soberano no céu, não o faz apenas a partir da sua condição de Filho de Deus, mas também de filho da humanidade. Portanto, nele estamos também nós junto ao Pai. Celebrar a Ascensão do Senhor é celebrar a elevação de nossa humanidade. É celebrar nosso acesso à vida junto de Deus por Jesus Cristo. Que alegria para toda a humanidade!

A glória de Deus é o homem vivo

A profissão de fé de santo Irineu

Donna Singles



176 págs.

Separado de nós por dezoito séculos, mas muito próximo das origens da fé cristã, o pensamento de Irineu – o primeiro grande teólogo da Igreja – é, com efeito, desses que têm muito a dizer às mulheres e aos homens de hoje. Aliando a paixão ao rigor e à competência de um longo contato com a obra de Irineu, a autora nos propõe a “chave de leitura” para entrar em sua linguagem, que era a dos primeiros séculos, e descobrir de que modo ela pode nos tocar e nos iluminar hoje. Os capítulos do livro se dispõem de acordo com os artigos do Credo, o Símbolo dos apóstolos, sendo a fé de Irineu interrogada sobre cada um desses artigos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Pentecostes
9 de junho

A promessa de Deus se cumpre: veio o Consolador!

I. Introdução geral

A promessa que Jesus fizera aos seus discípulos de que não os deixaria sós se cumpre com o envio do Espírito. A liturgia deste dia foi preparada pela liturgia da Ascensão, pois, no evangelho do domingo passado, o Senhor diz: “Eu enviarei sobre vós aquele que meu Pai prometeu” (Lc 24,49). Por isso, agora, celebramos a realização dessa promessa e somos convidados a nos alegrarmos com essa realização. O salmo do dia pede a vinda do Espírito e, com ela, a renovação de toda a obra da criação. Toda esta celebração é festiva e convoca à alegria!

II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 20,19-23): O Espírito e a missão confiada aos discípulos

O evento narrado no evangelho desta celebração está bem situado no tempo: acontece no primeiro dia da semana (cf. v. 19), entenda-se: o domingo. O encontro com os discípulos se dá na sequência da narração do encontro de Maria com o Ressuscitado no sepulcro, experiência que ela anuncia aos discípulos. Na tarde desse mesmo dia, Jesus aparece aos seus discípulos e lhes dirige, por duas vezes, a saudação: “A paz esteja convosco” (v. 19.21). Após a primeira saudação, mostra-lhes as mãos e o lado, e isso revela que eles estão diante do que fora crucificado. Os discí-

pulos se alegram por verem o Senhor (cf. v. 20). Essa alegria é característica dos tempos messiânicos, e eles estão cientes de que testemunham um acontecimento único na história de seu povo.

Depois da segunda saudação, Jesus confere aos discípulos uma missão: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (v. 21). Em seguida, sopra sobre eles e diz: “Recebei o Espírito Santo” (v. 22). Jesus confere o dom do Espírito aos discípulos nos moldes do relato da criação, no qual Deus sopra o sopro da vida nas narinas do homem que moldou do solo e o torna um “ser vivente” (Gn 2,7). O dom do Espírito é derramado sobre os discípulos, e Jesus os orienta sobre qual deve ser a missão desse grupo: perdoar pecados (cf. v. 23). A missão dos discípulos é dar continuidade àquela de Jesus. Uma vez que a vida e a morte dele tiveram como meta a reconciliação da humanidade com Deus, cabe agora aos discípulos, continuadores de sua missão, levar adiante esse serviço universal.

2. I leitura (At 2,1-11): O dom do Espírito, fim da confusão das línguas

No evangelho, os discípulos recebem o Espírito pelas mãos de Jesus, que sopra sobre eles, numa experiência limitada ao seu grupo mais próximo. Nos Atos dos Apóstolos, a vinda do Espírito acontece durante a festa dos judeus conhecida como Semanas (cf. Dt 16,9-12), Primícias (cf. Nm 28,26) ou ainda como Pentecostes, pois era ligada à colheita e era celebrada sete semanas depois de iniciada a ceifa (cf. Dt 16,9). Já Lv 23,15s precisa que a festa deve ser celebrada cinquenta dias depois do oferecimento do primeiro feixe, donde provém o nome Pentecostes, que também identifica essa festa na versão grega do texto bíblico. Após as reformas de Esdras e Neemias, por volta do século V a.C., a festa



foi ressignificada e passou a celebrar o dom da Lei no Sinai. Era marcada pelo júbilo e pelo entusiasmo, por isso todos deviam participar dela e alegrar-se.

O dom do Espírito é concedido ao grupo de discípulos, que estavam reunidos “no mesmo lugar” (v. 1). A imagem do vento e das línguas de fogo que se repartem e repousam sobre cada um dos presentes na casa segue o padrão narrativo das teofanias, mas o resultado é um pouco distinto. Em geral, nos relatos de teofania, o espanto e, por vezes, o medo apoderam-se daqueles que contemplam o acontecimento; aqui, os presentes começam a falar até mesmo em outras línguas, segundo a inspiração do Espírito. E todos os que ouviam os discípulos falar ouviam-nos em sua própria língua. Esse texto é uma imagem inversa do texto da torre de Babel, no qual a confusão das línguas é a razão do desentendimento e da incompreensão entre os povos.

3. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13): O Espírito, fundamento do único corpo de Cristo

A segunda leitura traz uma orientação de Paulo à difícil comunidade de Corinto, marcada por divisões e por toda sorte de dificuldades. Paulo tenta conscientizar os coríntios de sua unidade fundamental, a pertença ao corpo de Cristo. Primeiramente, alerta para a responsabilidade da confissão do senhorio de Jesus, que só é possível no Espírito. Logo depois, alerta para o lugar de cada membro da comunidade no corpo de Cristo e faz isso pela referência aos dons do Espírito.

Paulo recorda que cada membro da comunidade tem seu lugar e função e isso se revela pela manifestação do dom do Espírito, com a ressalva de que tal realidade não deve ser motivo de divisão ou separação entre os membros. Não é lícito a nenhum membro da comunidade sentir-se

Trânsitos religiosos, cultura e mídia

A expansão neopentecostal

Adilson José Francisco



440 págs.

Com raro cuidado, maestria e ética em relação a seus depoentes, Adilson José Francisco culminou seu doutorado, na PUC-SP, legando-nos esta significativa contribuição para repensarmos a sociedade brasileira, em sua formação social, cultural e religiosa. Lançando mão de depoimentos orais e frequentando diversos cultos, analisados em metodologia de história oral, sob o enfoque de estudos culturais, Adilson alcança vozes, sentimentos e percepções religiosas até então pouco ouvidas e, menos ainda, elevadas a alvo de atenções entre estudiosos sobre religiosidades populares em um país multiétnico e pluricultural.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



superior aos outros por causa do dom recebido do Espírito, uma vez que todos são membros do único corpo de Cristo. Paulo fundamenta esse entendimento no fato de que tanto judeus como gregos, escravos e livres foram batizados num único Espírito. Como um é o Cristo e um é o Espírito, os membros da comunidade formam um único corpo. A unicidade do corpo está fundamentada no Espírito, que os anima e orienta no testemunho e na confissão de fé no Cristo Senhor.

III. Pistas para reflexão

O evangelho desta celebração traz ao menos dois temas importantes em relação ao dom do Espírito: a alegria e a missão. Os discípulos, diante do Ressuscitado-Crucificado, alegram-se. O Senhor sopra sobre eles e lhes concede o Espírito, que os capacitará para sua missão: a reconciliação da humanidade com Deus. A primeira leitura nos traz novamente o dado da alegria como característica própria da festa de Pentecostes ou das Semanas, assim como a temática da superação do impedimento linguístico para o anúncio dos discípulos.

A segunda leitura traz um dado que a liga à primeira: a ação do Espírito é responsável pela superação de dificuldades de entendimento. Se, na primeira, a falta de entendimento devia-se à diferença linguística, na segunda, encontra-se no nível das relações comunitárias. Ambas são superadas ou devem ser superadas pela presença e ação do Espírito.

O dom do Espírito já não se encontra restrito ao povo de Israel, representado pelos discípulos, mas cumpre a missão confiada por Jesus, no evangelho, de levar a reconciliação a todos os povos. O Espírito é o dom do Pai que, pela morte e ressurreição de Jesus, foi dado à sua Igreja, mas não pode ficar aprisionado nela ou por ela. A comunidade dos seguidores de

Jesus deve ser também instrumento de vinda desse Espírito, por meio da oração e da presença de Jesus em seu meio.

O evangelho deste dia também nos chama a ser reconciliadores no mundo; a travar uma luta a fim de que cessem os ódios, a violência, o descaso, o abuso e a corrupção moral, social e política. A Igreja partilha a vida de Jesus quando, ao receber o seu Espírito, se compromete a lutar para que o evangelho saia do papel impresso e seja gravado nas suas ações; quando se compromete a ser, ela mesma, lugar e instrumento de reconciliação interna e externa.

Há na Igreja pessoas diferentes, com dons e ministérios diferentes, e isso é graça de Deus. A completa igualdade na Igreja tiraria seu dinamismo e beleza. Importa reconhecer que o Espírito Santo é quem nos faz todos membros de um mesmo corpo, o corpo de Cristo. E a missão de Cristo de levar a humanidade à reconciliação plena com Deus agora deve ser realizada por meio desse corpo. Jesus, por sua paixão e ressurreição, reconciliou o mundo com Deus. Nós, seus representantes e enviados, devemos dar a conhecer ao mundo essa reconciliação. A unidade do Espírito Santo agindo na diversidade de dons e carismas é sinal manifesto da presença de Deus no mundo por meio da Igreja, comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus.

SANTÍSSIMA TRINDADE

16 de junho

Trindade: a dinâmica salutar do amor

I. Introdução geral

Na liturgia deste dia, celebramos a solenidade da Santíssima Trindade. Somos assim convidados a celebrar e contemplar



o mistério de nossa fé: Deus uno e trino. Como é habitual, nossa liturgia foi prenunciada ou preparada pela liturgia do domingo anterior, Pentecostes. Na liturgia do domingo passado, contemplamos e celebramos o dom do Espírito, o Consolador, aquele que vem ser nosso auxílio para recordar os ensinamentos dados a nós por Jesus e nos ensinar o que for necessário. É dentro dessa missão do Espírito, de sua ação na vida da Igreja, que podemos confessar um Deus em três pessoas.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 16,12-15):

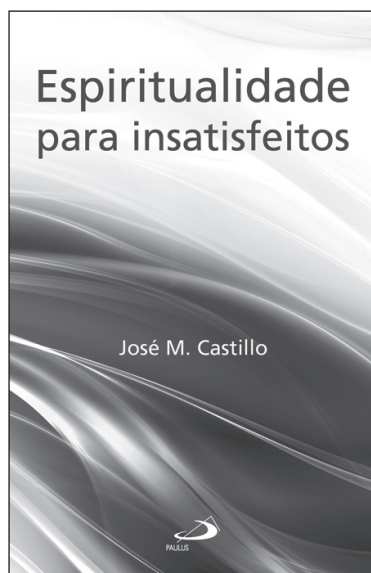
O Espírito da verdade nos conduzirá à plena verdade

O evangelho traz pequeno trecho de um discurso de Jesus conhecido como “discurso de despedida” (cf. Jo 13-17). Nesse discurso, Jesus instrui os discípulos sobre vários assuntos e sabe que fala de coisas que os discípulos ainda não são capazes de entender. Por isso, aponta para um tempo futuro, no qual o Espírito, aqui qualificado como “Espírito da verdade”, irá conduzi-los à plena verdade. O texto de João vai ainda mais longe e diz que o Espírito “não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido” (v. 13).

Como vimos nas liturgias dos domingos anteriores, o Espírito é um dom primeiramente do Pai, porque foi quem o prometeu, mas, na liturgia de Pentecostes, vemos que o Espírito é “soprado”, concedido pelo Ressuscitado; portanto, é enviado também pelo Filho. Essa relação estreita entre Pai, Filho e Espírito é reafirmada no último versículo: “Tudo o que o Pai possui é meu. Por isso disse que o que ele receberá e vos anunciará é meu” (v. 15). Assim, tudo o que o Espírito nos anuncia vem do Pai e do Filho. Esse trecho é claramente trinitário!

Espiritualidade para insatisfeitos

José M. Castillo



264 págs.

Nos dias atuais, quando as religiões se veem questionadas por sérios motivos e sob diversos pontos de vista, a espiritualidade ganha força. Um dos problemas apontados neste livro é que, em muitos ambientes, a espiritualidade é relacionada àquilo que nos afasta da vida e do mundo. A obra apresenta o significado e a forma de viver uma espiritualidade correta, que não renuncie à nossa condição de cidadãos do mundo nem à necessidade de sermos felizes.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



2. I leitura (Pr 8,22-31): Cristo, sabedoria de Deus

A primeira leitura, tirada do livro dos Provérbios, traz o importante tema da personificação da sabedoria. À sabedoria foram aplicadas qualidades humanas, de modo que ela passa a ser percebida como uma pessoa. Essa sabedoria personificada foi interpretada pelos cristãos como *protótipo* da pessoa de Cristo. Tal releitura cristã é justificada pelos atributos da sabedoria: existente desde o início, junto de Deus na obra da criação etc. Essas qualificações tornaram possível a identificação da sabedoria com aquele que estava junto de Deus, o Verbo, por meio de quem tudo foi feito e fora do qual nada foi feito (cf. Jo 1,1-3; Cl 1,16).

A leitura nos ajuda a perceber que a ação criadora e salvífica de Deus é contínua. Isso significa que não há uma separação radical entre as ações de Deus em favor dos seres humanos no Antigo e no Novo Testamento, mas uma continuidade diferenciada. O Deus de Israel é o mesmo Deus de Jesus Cristo que, desde sempre, tomou a decisão de salvar a sua criação e o faz se manifestando, comunicando-se com a humanidade, desejando participar da vida do ser humano e, assim, partilhar de suas dores, sofrimentos, alegrias, vitórias e derrotas.

3. II leitura (Rm 5,1-5): Fé, esperança e amor, transbordamento do amor divino

A segunda leitura, tirada da carta aos Romanos, fala-nos da justificação pela fé, que se dá pela mediação em Jesus Cristo, e dos benefícios recebidos por esse acesso ao Pai: a reconciliação e a paz (cf. v. 1). O texto de Romanos ainda joga com as três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade (amor). As virtudes, principalmente o amor de Deus, foram derramadas nos corações humanos pelo Espírito que nos foi dado (cf. v. 5).

A missão do Cristo é dupla: revelar o Deus uno e trino e conduzir a humanidade à salvação, ou seja, ao próprio Deus Trindade. Em Cristo e por ele, temos acesso à Trindade e participamos também da missão dele de revelá-la, porque o Espírito está em nós e nos transforma em cooperadores dessa missão do Filho, Jesus Cristo.

III. Pistas para reflexão

Como é possível ter acesso ao mistério da Santíssima Trindade, o qual nos parece tão impenetrável? O evangelho nos informa que a experiência da Trindade passa pela ação do Espírito Santo em nós. Somente pela docilidade ao Espírito compreenderemos a relação íntima e profunda entre o Pai, o Filho e o Espírito. A vida e a missão de Jesus revelam a decisão de Deus Pai de caminhar com a humanidade desde o antigo Israel, com os patriarcas Abraão, Isaac, Jacó, José, Moisés, os profetas, os reis e todo o povo. Jesus escolhe os doze e se revela como Salvador, mas o pleno entendimento só acontecerá quando a comunidade experimentar a ação do Espírito em seu meio. “Tudo que o Pai possui é meu”, afirma Jesus no evangelho (v. 15). O Espírito foi encarregado de nos revelar tudo sobre o Pai, de nos dar toda a compreensão dessa relação de amor.

Em Jo 14,9 Jesus nos diz: “Quem me vê, vê o Pai”. Aproximamo-nos de Jesus pela força do Espírito; somos conduzidos a adentrar nessa fonte de vida que passa do Pai para o Filho e do Filho para o Pai por meio do Espírito, derramado abundantemente nos corações. Podemos afirmar que a Trindade é amor. Então, é esse mesmo amor que deve conduzir nossa existência. Mas que amor é esse? Como fazer o amor ser verbo de ação em nossa vida? A conscientização de que, em Cristo, somos inseridos na Trindade nos compromete a decidir aceitar o desafio de usufruir desse transbordamento íntimo de amor e de nos por-



mos a caminho com nossos irmãos e irmãs, partilhando suas dores e alegrias.

O Roteiro Homilético de *Corpus Christi* (20/6/19) pode ser acessado no site da revista: vidapastoral.com.br

12º Domingo do Tempo Comum
23 de junho

Cristo, fonte da purificação e da vida

I. Introdução geral

Passada a solenidade de Pentecostes, que encerra o tempo pascal, e a solenidade da Santíssima Trindade, voltamos para o Tempo Comum. Celebrando o 12º domingo do Tempo Comum, somos convidados a ver na vida de Jesus a promessa de salvação de Deus para cada um de nós. Na aparente contradição de sua paixão está a fonte que sacia a nossa sede de Deus, expressa no Salmo 62.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho (Lc 9,18-24):

Jesus, o profeta enviado por Deus

O trecho do evangelho deste dia nos traz pelo menos três questões bem pertinentes. A primeira diz respeito à pessoa de Jesus, em relação com sua missão ou seu envio. Jesus interroga seus discípulos para saber o que o povo pensa e diz a seu respeito. As respostas são: João Batista, Elias ou um dos antigos profetas que ressuscitou (cf. v. 19). Todas as respostas apontam para a tradição profética. Para o povo, Jesus é um profeta, e a discussão ou a incerteza são sobre qual deles Jesus é.

Jesus, contudo, não parece ficar satisfeito com a resposta incerta do povo e direciona sua pergunta aos discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (v. 20). Não é de uma multidão distante que deve vir o reconhecimento de quem ele é, e sim daqueles que o acompanham de perto e, espera-se, o conhecem. Pedro responde, em nome dos outros discípulos e em seu próprio nome: “O Cristo de Deus” (v. 20). Sua resposta é simples e direta: “Tu és o Messias de Deus”, o ungido, enfim, o enviado por Deus. Dizer que Jesus é o Messias é dizer que ele é aquele esperado para resgatar o povo de Deus e trazer-lhe a salvação da parte de Deus.

No entanto, Jesus proíbe severamente que se divulgue essa informação. Tal proibição faz que o ouvinte entenda que a resposta de Pedro foi adequada, mas há algo mais. Esse algo mais é a segunda questão a ser considerada nesse texto: a chamada “predição da paixão”. Não é tempo ainda de falar, porque Jesus é um Messias que passará pelo sofrimento, deverá ser rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e doutores da Lei – entenda-se, pela liderança religiosa de seu povo –, para depois ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. O texto de Lucas é perspicaz: diz que Jesus deve “ser morto” (v. 22), não que “deve morrer”, indicando, assim, que a morte de Jesus não é natural nem desejada por Deus simplesmente, mas tem responsáveis por ela.

A terceira questão presente no evangelho do dia não se relaciona diretamente com Jesus, e sim com seus seguidores – do seu e do nosso tempo. A questão agora versa sobre a adesão a Jesus Cristo. O Senhor nos diz quais as condições necessárias para sermos seus discípulos. A formulação de Lucas novamente impressiona, pois começa com um “se”, revelando a liberdade de decisão para o seguimento. O “se” acentua a possibilidade de acolhida livre do chamado ao seguimento de Jesus.



Quem quer que decida segui-lo terá de “renunciar a si mesmo e tomar a cruz” (v. 23). A tomada da cruz exige a renúncia de si, pois quem se ocupa apenas de si não poderá nunca compreender a cruz, já que ela é o símbolo máximo da doação e da negação de si em vista dos outros.

2. I leitura (Zc 12,10-11; 13,1): O enviado padecente, fonte de purificação

A profecia de Zacarias, aqui contemplada na primeira leitura, parece estranha nesta celebração, mas a aparente estranheza serve de alerta para que busquemos o essencial nesse trecho. O texto começa situando a ação de Deus, que chega como promessa a um destinatário: “Derramarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de graça e de oração e eles olharão para mim” (12,10).

Deus vai preparar os judaítas para a chegada do Messias. O enigmático do texto, porém, é que o povo, a quem o enviado virá, só perceberá esse enviado diante do sofrimento e da morte, e então o chorarão como se chora pela perda de um primogênito. Esse texto de Zacarias parece ser devedor dos cantos do Servo de Isaías, porque a sequência do texto aponta para uma esperança que advém dessa situação mesma de sofrimento e morte: “Naquele dia, haverá uma fonte acessível à casa de Davi e aos habitantes de Jerusalém, para ablução e purificação” (13,1).

Esse trecho está construído de modo que a “a casa de Davi e os habitantes de Jerusalém” apareçam no início e no fim, em clara inclusão. Para o profeta, a promessa da ação de Deus – entenda-se, o envio do Messias – tem um destinatário certo, e este é o povo judaíta, representado emblematicamente pelas figuras da “casa de Davi”, na qual se assenta a expectativa messiânica da realeza, e, por extensão, pe-

los habitantes de Jerusalém. A promessa final ao povo, ainda enigmática, é a de uma fonte para ablução e purificação: o Messias padecente.

3. II leitura (Gl 3,26-29): No Cristo, toda discriminação é abolida

A segunda leitura, da carta aos Gálatas, fala sobre a condição daqueles que renunciaram a si mesmos e abraçaram a cruz de Cristo. A afirmação paulina é clara: em Cristo, todos os batizados se tornam filhos de Deus. Por isso, as categorias com as quais as pessoas eram classificadas e assim separadas perdem todo o sentido.

Daí o apóstolo poder dizer que já não existe nem judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher. Nenhuma dessas realidades deixou de existir de fato. A mudança se deu na valorização, ou não, das pessoas segundo essas distinções. Em Cristo, todos somos um só, e se somos de Cristo, somos da descendência de Abraão e temos direito à herança segundo a promessa de Deus a Abraão; ou seja, em Cristo todos somos abençoados.

III. Pistas para reflexão

As leituras desta celebração convergem na figura de Jesus Messias padecente. Enquanto Messias que padece, morre e ressuscita, ele é a fonte para a purificação e salvação do povo, anunciada na profecia de Zacarias. Como fonte de purificação e salvação, ele é acessível a todos os que o buscam, uma vez que estejam preparados pelo “espírito de graça e oração” para assim reconhecê-lo.

Por isso, Paulo pode falar do batismo como revestimento do Cristo. A fonte da profecia de Zacarias dizia respeito à “ablução e purificação”, ou seja, tinha o aspecto de ritual de purificação para o encontro com o sagrado, prática habitual no mundo judaico. O batismo em Cristo, do qual fala Paulo, torna desnecessários os rituais de



purificação, pois todos se revestem do Cristo. Isso significa que Cristo é a fonte de purificação e, portanto, de salvação.

No momento em que vivemos a negação de tantos direitos, conquistados a duras penas, e nos assaltam os fantasmas do desrespeito aos direitos de muitas categorias de trabalhadores, que a máxima cristão-paulina – “não há mais nem judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher” – ressoe em nossa mente e coração e não nos deixe novamente manchar pelas injustiças institucionalizadas que não revelam o Cristo, antes o crucificam novamente.

SÃO PEDRO E SÃO PAULO APÓSTOLOS
30 de junho

Deus sustenta e liberta os seus servos

I. Introdução geral

O evangelho do domingo anterior trazia, entre outros, o tema das exigências para o seguimento do Cristo, e uma delas era tomar a cruz. Esta celebração nos convida a contemplar a experiência dos apóstolos Pedro e Paulo, que não só tomaram a cruz no sentido de assumir a cruz de Cristo, mas a experimentaram totalmente. Com justa razão, a Igreja os recebe como suas colunas e celebra sua vida e doação ao anúncio do evangelho.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 16,13-19):

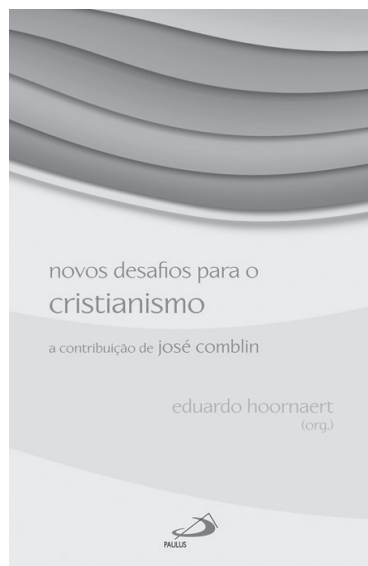
“Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”

O evangelho do domingo passado trazia o testemunho lucano do trecho conhecido como “primado de Pedro”. Nesta solenidade de São Pedro e São Paulo, o

Novos desafios para o cristianismo

A contribuição de José Comblin

Eduardo Hooimaert (org.)



176 págs.

Esta coletânea comporta oito trabalhos de teólogos e biblistas, em sua maioria da nova geração, que iluminam diversos aspectos da teologia e da ação de José Comblin, tendo sempre em vista os novos desafios para o cristianismo. Leitura para conhecer melhor a contribuição do grande teólogo que foi Comblin, falecido no final de março de 2011.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



evangelho traz a versão mateana desse texto. Na resposta à pergunta de Jesus sobre quem as pessoas dizem que ele é, acrescenta-se aos nomes de João Batista e Elias o de Jeremias, entre as possíveis identificações com a pessoa de Jesus. É bem interessante essa perspectiva mateana, porque Jeremias é considerado um profeta sofredor.

Como nos outros evangelhos sinópticos, Jesus dirige a pergunta aos discípulos e Pedro responde por eles: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo” (v. 16). Só Mateus une o título Filho de Deus ao de Messias. Nesse trecho, e só nesse evangelho, Jesus felicita a Pedro por sua resposta, acrescentando que não é a condição humana que o faz reconhecer sua messianidade, mas uma revelação de Deus. Essa é a razão por que o Senhor lhe confere a responsabilidade por sua Igreja.

2. I leitura (At 12,1-11): “Levanta-te depressa!”

A primeira leitura, dos Atos dos Apóstolos, atesta o aprisionamento e a libertação miraculosa de Pedro. O texto começa e termina com uma referência ao rei Herodes. Além disso, duas outras referências a esse rei enquadram o v. 5, no qual se afirma que a Igreja rezava continuamente por Pedro enquanto este estava encarcerado.

A libertação fora do comum ocorrida em favor de Pedro vem como resposta à oração incessante da comunidade. Isso é um indício da importância que o apóstolo já tinha para a comunidade primitiva. Ao final, o próprio Pedro reconhece que o Senhor, por meio de seu anjo, é o responsável por sua libertação.

3. II leitura (2Tm 4,6-8.17-18): “Completei a corrida, guardei a fé”

A segunda leitura traz o texto conhecido como “testamento de Paulo”. Na verdade, esse texto é verdadeira confissão de fé.

O apóstolo parece perceber que seu fim está próximo e testemunha sua fidelidade ao Senhor e sua coerência de vida de fé. Paulo expressa a confiança de que sua vida será contada como justa e o próprio Senhor atestará a justiça de sua conduta.

Toda essa confiança de Paulo está, porém, assentada na certeza de que o Senhor esteve sempre ao seu lado e foi ele quem o fez anunciar a mensagem. A sequência do texto traz palavras de libertação que não deixam de ser também palavras de confiança em Deus diante do fim iminente.

III. Pistas para reflexão

Pedro e Paulo são, de acordo com a tradição, as pedras fundamentais da Igreja. Os textos desta celebração vão muito além da atestação de seu papel fundamental na existência da Igreja; revelam a grande importância que adquiriram por seu testemunho de vida, ao se conformarem a Cristo pelo sofrimento, perseguição e morte. A tradição da Igreja afirma que Pedro foi crucificado, mas, não se sentindo digno de morrer como o Senhor, pediu para ser crucificado de cabeça para baixo. Independentemente da exatidão desse relato, é certo que sofreu o martírio, como também Paulo.

Pedro e Paulo são, segundo os Atos dos Apóstolos, as figuras de maior destaque na Igreja, embora, inicialmente, Tiago apareça como a figura maior na Igreja de Jerusalém. O livro dos Atos dos Apóstolos testemunha que a Paulo se deve a expansão da Igreja, por seu trabalho de evangelização dos gentios, e a Pedro sua conservação, por seu trabalho de evangelização e acompanhamento das Igrejas judaico-cristãs. Na origem da Igreja cristã se encontravam judeu-cristãos e gentio-cristãos, e nada mais lógico que cada grupo originário contasse com um representante que fosse sua coluna de sustentação. Festejemos, portanto, com alegria as colunas da Igreja: Pedro e Paulo! ●